

1.000
DELEGADOS
DEBATERAM
O PROBLEMA
DA CARESTIA

(10.ª PÁGINA)

PREVIDENCIA
E GREVE

SINDICATOS
DE TODO O
PAÍS EM
ASSEMBLÉIA
PERMANENTE

(5.ª PÁGINA)

REATAMENTO, AGORA!

Segundo noticiam os jornais, o vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, Anastás Mikoián, realizará

ainda este ano uma visita a diversos países da América Latina. O objetivo da viagem é incrementar o comércio e

a amizade entre a União Soviética e os países do nosso continente.

O povo brasileiro saúda naturalmente com o maior entusiasmo esta iniciativa do governo soviético, que dá assim mais um importante passo no sentido de eliminar as barreiras que uma política suicida de guerra fria erigiu artificialmente entre os nossos países. A normalização das relações entre o Brasil e os Estados socialistas é uma exigência praticamente unânime da nação.

Todas as condições existem hoje para que este problema encontre uma solução favorável imediata. Ainda há poucos dias, o próprio Presidente da República, referindo-se à próxima visita de Nikita Kruschiov aos EE. UU., ressaltava a necessidade do entendimento entre todos os povos. Por sua vez, o ministro Horácio Láfer, ao empregar-se na chefia do Itamarati, proclamou que este é o momento de darmos início a uma nova política exterior, que reflita a realidade atual do mundo e os nossos interesses de nação

ANO I — RIO. SEMANA DE 14 A 20 DE AGOSTO DE 1959 — N.º 25

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

independente. E o ministro da Fazenda, sr. Pais de Almeida, abordando de frente o problema das relações com a URSS, afirmou que devemos comprar e vender a todos os que nos queiram vender e comprar. São, portanto, as vozes mais autorizadas do governo que reconhecem as vantagens e a necessidade de se pôr termo a esta verdadeira aberração que é o isolamento oficial do Brasil em relação a mais de um terço da humanidade.

Tão maduro se acha este problema que para resolvê-lo não tem o governo que temer nem mesmo a resistência das forças que lhe fazem oposição no plano político. O que se vê é exatamente o contrário: a oposição procura fazer do reatamento de relações com a URSS uma das principais bandeiras de sua campanha eleitoral. É precisamente o que indicam a recente viagem do sr. Jânio Quadros à União Soviética e as suas incisivas declarações de que o reconhecimento diplomático e comercial da URSS deve ser feito imediatamente pelo governo brasileiro.

No que se refere à opinião pública, uma medida de quanto é sentida esta reivindicação foi dada no comício em que o Partido Trabalhista recebeu e homenageou o marechal Teixeira Lott. A tônica política desse ato foi a exigência da normalização de nossas relações com a URSS e outros países socialistas. Isto ficou evidenciado tanto no grande número de faixas e cartazes conduzidos pelas organizações populares, assim como na maioria dos discursos pronunciados no «meeting». A vontade do povo se exprimiu então de forma iniludível.

Se ao lado destas manifestações recordarmos os reiterados pronunciamentos das mais representativas entidades da indústria, do comércio e da lavoura, além das numerosas resoluções já aprovadas pelas organizações operárias e estudantis, torna-se absolutamente claro que as últimas resistências opostas ao restabelecimento de relações com os países socialistas estão localizadas fora do Brasil. As insolentes declarações feitas há pouco pelo embaixador dos Estados Unidos em nosso país revelam com toda nitidez que são os monopólios norte-americanos que prosseguem por mais tempo uma situação que tanto nos compromete e que fere tão fundamentalmente os nossos interesses nacionais.

Trata-se, portanto, de vencer estas últimas resistências. E isto será feito. As forças nacionalistas, as organizações dos trabalhadores e dos estudantes, toda a opinião pública brasileira, enfim, compreende que o restabelecimento de nossas relações com os países socialistas é um problema para ser resolvido já e já.



PRESTES
EM MACEIÓ:

VISITA AO
GOVERNADOR
PREFEITO,
ASSEMBLÉIA,
CÂMARA E
SINDICATOS

(10.ª PÁGINA)

A JUVENTUDE DE HOJE SERÁ MESMO TRANSVIADA?

LOTT: APOIO AO PROGRAMA DE REFORMAS DO PTB



Sobre salário
e carestia
Paes de Almeida
falou como
patrão

(11.ª Pág.)

A visita do marechal Teixeira Lott ao PTB se transformou em comício. Entre as personalidades reunidas no palanque (foto) estavam, com o vice-presidente João Goulart, os governadores Leonel Brizola e Roberto Silveira. Os discursos pronunciados tiveram o sentido de um início de campanha eleitoral. O marechal Lott manifestou seu apoio ao programa de reformas de base dos trabalhistas e esboçou uma plataforma (incompleta) de governo. A massa popular que participou do comício apresentou, em cartazes e faixas (foto), suas principais reivindicações, como a do reatamento de relações com a União Soviética. (Reportagem na 1.ª pág.)



Diariamente nos jornais, no rádio, na televisão, nas revistas e até em filmes fala-se em "juventude transviada". Os mais velhos culpam "os tempos" e o "progresso", a dissolução da família e dos "bons costumes". Condena-se a juventude em bloco e de maneira inapelável. Mas, será tudo isso verdadeiro? É o que NOVOS RUMOS procura responder na reportagem que vai publicada na sétima página.

O BRASIL E O DEGELO

Contra a vontade das forças reacionárias — sobretudo dos imperialistas — inicia-se uma nova etapa nas relações internacionais. Pela primeira vez depois da segunda guerra mundial, existe a tendência de se modificarem essas relações à base do reconhecimento da nova correlação de forças surgida

com a guerra, com a vitória sobre o fascismo. Pela primeira vez, as grandes potências imperialistas dão um passo sério para um entendimento entre os dois campos em que se divide o mundo, quando antes toda a sua política se orientava para impor um retrocesso à história. A época, naturalmente, é

de satisfação e não de re- criminações. Mas não se podem esquecer as origens nem as responsabilidades por esse prolongado período de tensão que algumas vezes levou o mundo à beira da guerra, para que não se repitam os erros do passado.

fabulosas verbas gastas nos últimos 10 ou 12 anos, e que ultrapassam de 500 bilhões de dólares! Aos Estados Unidos, por isso mesmo, deveria caber a iniciativa do abandono da política de guerra por eles iniciada e levada a extremos perigosíssimos. Uma política elaborada em suas linhas mestras pelos generais americanos. Foram os Estados Unidos que durante muitos anos impediram o entendimento e a aproximação propostos pela União Soviética, China e demais países socialistas e, inclusive, por países neutralistas, como a Índia ou a Indonésia, na própria ONU.

CRÔNICA INTERNACIONAL

SOLIDARIEDADE A CUBA!

Instalou-se quarta-feira, 12, em Santiago do Chile, a Conferência de chanceleres da Organização dos Estados Americanos para discutir a chamada "crise do Caribe". A "crise do Caribe" surgiu — para os imperialistas dos Estados Unidos — no dia seguinte à vitória de Fidel Castro em Cuba, com a derrubada do sangüinário agente ianque Fulgência Batista. O fato deixou mais do que preocupado — alarmado — os magnatas dos Estados Unidos que têm interesses econômicos em Cuba: os proprietários e sócios das usinas de açúcar, os açucareiros do comércio açucareiro cubano. E não só a estes, mas também aos monopolistas da United Fruit Company em todas as Repúblicas centro-americanas. O exemplo de Cuba poderia frutificar em favor dos povos daquela região da América e, no fim de contas, em toda a América Latina, inclusive sobre o Paraguai, onde permanece no Poder, mantido pelo Standard Oil, o tirano Alfredo Stroessner.

Lembremos que imediatamente após a vitória de Castro, o Departamento de Estado convocou seus embaixadores na América Central, para consultas. Seguiu-se uma reunião dos representantes diplomáticos ianques na América do Sul. E os planos da convocação da OEA foram amadurecendo. Vieram as queixas alarmantes de Trujillo e Somoza sobre supostas invasões da Rep. Dominicana e Nicarágua pelos barbudos de Castro. Esses alarmes se multiplicaram, até criar-se um ambiente em que a OEA foi convocada.

A sugestão de Cuba para que sejam discutidas questões de caráter econômico só a muito custo foi admitida pelos Estados Unidos, que inicialmente a recusaram.

Porque o objetivo exclusivo dos norte-americanos é criar uma situação tal, que lhes permita intervir descaradamente em Cuba, como o fizeram em 1954 na Guatemala, derrubando Jacobo Arbenz e restaurando os domínios da United Fruit.

O objetivo é derrubar Fidel Castro, o governo popular cubano que dá início à reforma agrária que beneficia os camponeses de Cuba, mas afeta os interesses dos magnatas americanos do açúcar.

Os Estados Unidos temem igualmente que venham a cair os últimos tiranos das Antilhas — agentes do capital de Wall Street — como caiu Batista, não obstante todo o apoio que lhe deram.

O fato de ter sido expulsos de Cuba a missão militar americana, irritou profundamente os militaristas do Pentágono. Recelam eles agora pela sorte de sua base militar de Guatamáno, cujas forças dobraram (para 25 mil homens) depois da vitória do povo cubano sobre a ditadura de Batista. Mas nem mesmo este ato abertamente hostil ao povo cubano conseguiu atemorizar Fidel Castro e seus companheiros, que contam com o firme apoio dos trabalhadores e do povo e as simpatias do Continente.

Na véspera de iniciar-se a reunião da OEA, o governo cubano esmagou uma conspiração armada contra ele. Evidentemente, essa conspiração estava articulada com a conferência da OEA.

Mas a lição da Guatemala ainda está bem viva. Os revolucionários cubanos estão unidos e alertas contra o cinico intervencionismo dos Estados Unidos, arquitetado por trás da OEA.

De qualquer forma, a pequena e heróica nação cubana está em perigo. Impõe-se, por isso, a irrestrita solidariedade dos povos da América Latina a Cuba ameaçada. E um dever sagrado de nossa parte esta solidariedade e o protesto enérgico contra as tentativas intervencionistas da OEA. O governo brasileiro, o Itamarati, não pode compactuar com semelhantes ações, que amanhã poderão voltar-se contra a nossa soberania.

RUI FACÓ

Esta não é toda a verdade. Basta formular algumas perguntas:

1) Quem iniciou a política dos blocos militares?

2) Quem impôs a discriminação no comércio internacional no pós-guerra?

3) Quem instalou uma rede de bases militares por todos os continentes e oceanos, cercando os países socialistas?

Nada disso poderia ser feito sem a iniciativa dos Estados Unidos, por exigência dos imperialistas norte-americanos. Foram eles que arcaram com as

herdadas da guerra. Mas os Estados Unidos estavam atolados até os cabelos na política de «dureza» ou de «posições de força» tão obstinadamente seguida por John Foster Dulles. Este afirmou certa vez que só restava a «sombria alternativa — guerra ou capitulação».

A URSS achava que não era esta a alternativa. Em mensagem dirigida ao Presidente Eisenhower a 2 de julho de 1958, o Primeiro-Ministro soviético Nikita Kruschiov dizia textualmente:

«A União Soviética e os Estados Unidos da América, como as duas potências economicamente mais fortes, podem comerciar entre si em larga escala. Os Estados Unidos da América, nos últimos dez anos, ampliou consideravelmente seu parque produtivo e, naturalmente, os círculos de negócios norte-americanos estão interessados numa ampliação substancial do comércio exterior. Simultaneamente, a União Soviética, cuja economia atingiu um alto nível, dispõe atualmente de possibilidades e recursos incomparavelmente maiores do que antes para comerciar com outros países, inclusive os E.E.U.U.» («Pravda», 6-VI-1958).

Nos Estados Unidos, vozes sensatas, embora isoladas, afirmavam que a política do Departamento de Estado estava radicalmente errada e precisava ser corrigida. A 6 de agosto do

A Contribuição Da URSS

ano passado o senador Fulbright declarava: «Nossa política externa está falida, tornou-se antiquada e atua de maneira errônea... Eu creio que se não se efetuar uma revisão radical e decisiva de nossa política exterior deparar-nos-emos com dificuldades ainda mais sérias do que atualmente».

Em mensagem dirigida ao Presidente Eisenhower a 2 de julho de 1958, o Primeiro-Ministro soviético Nikita Kruschiov dizia textualmente:

«A União Soviética e os Estados Unidos da América, como as duas potências economicamente mais fortes, podem comerciar entre si em larga escala. Os Estados Unidos da América, nos últimos dez anos, ampliou consideravelmente seu parque produtivo e, naturalmente, os círculos de negócios norte-americanos estão interessados numa ampliação substancial do comércio exterior. Simultaneamente, a União Soviética, cuja economia atingiu um alto nível, dispõe atualmente de possibilidades e recursos incomparavelmente maiores do que antes para comerciar com outros países, inclusive os E.E.U.U.» («Pravda», 6-VI-1958).

Nos Estados Unidos, vozes sensatas, embora isoladas, afirmavam que a política do Departamento de Estado estava radicalmente errada e precisava ser corrigida. A 6 de agosto do

ano passado o senador Fulbright declarava: «Nossa política externa está falida, tornou-se antiquada e atua de maneira errônea... Eu creio que se não se efetuar uma revisão radical e decisiva de nossa política exterior deparar-nos-emos com dificuldades ainda mais sérias do que atualmente».

E O BRASIL?

Estamos diante de um novo curso na política exterior dos Estados Unidos. A êle os Estados Unidos foram levados pela força das circunstâncias, por uma imposição histórica. Revelou-se insensata a alternativa dos tempos de Dulles: «Guerra ou capitulação». A alternativa é outra: «Guerra ou coexistência pacífica». E desde que nos voltamos para a coexistência pacífica a guerra será afastada como forma já antiquada de resolver os problemas internacionais.

Temos chamado a atenção aqui para a necessidade de abandonarmos a política reboquista em relação aos Estados Unidos que tem seguido o governo brasileiro, contra os mais vitais interesses do país.

E ainda agora, mesmo depois de acertada em definitivo a visita de Kruschiov aos Estados Unidos e de Eisenhower à União Soviética, certas forças teimam em amarrar-nos à velha política do Departamento de Estado de Washington que está sendo posta à margem pelo próprio Departamento de Estado.

Existem forças internas e externas interessadas em que nos atenhamos ao velho curso da política exterior. O embaixador americano Moors Cabott vem agindo abertamente, no Rio e em São Paulo, para impedir que nós também façamos uma revisão da inconsistente e insustentável política seguida pelo Itamarati. A posição do embaixador americano em relação ao Brasil pode ser resumida assim:

— Os Estados Unidos fazem a revisão de sua política com a União Soviética. Mas o Brasil não deve fazê-lo. Trata-se de um assunto «entre grandes». O Brasil nada tem que ver com isso. As coisas podem mudar entre os Estados Unidos e a Rússia, mas a América Latina continua a seguir a antiga orientação. A guerra fria pode amainar ou acabar-se entre as grandes potências. O Brasil não é grande potência...

Em São Paulo, na semana passada, Mr. Moors Cabott repetiu as «advertências» feitas no Rio ante a possibilidade de reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. Os Estados Unidos podem manter, como sempre mantiveram nestes 25 anos, relações com a URSS. O Brasil não.

Tudo indica que as advertências do embaixador americano se repetirão em maior grau em Santiago, na Conferência da OEA, que se inaugurou esta semana na Capital do Chile.

O governo do Presidente Kubitschek não pode admiti-lo. Precisamos tomar em nossas próprias mãos a nossa política exterior, arrebatá-la do controle do Departamento de Estado. Se Cuba, um pequeno país, mais próximo dos Estados Unidos e, portanto, mais sujeito às iras do imperialismo ianque, pode seguir uma política independente, por que não podemos fazê-lo também?

Perguntas e Respostas

P. — Sendo os Estados Unidos a potência dirigente das forças que planejavam uma guerra contra a URSS, a China e os demais países socialistas, partidários, hoje, de uma aproximação com esses países, seus aliados concordarão com esta política?

táculos criados pela guerra fria, em primeiro lugar no terreno do comércio internacional. Devem acabar de uma vez por todas as discriminações insensatas de exportações para a URSS, a China e demais países socialistas. Essas discriminações visariam impedir o desenvolvimento econômico desses países. A vida mostrou de modo claro a inanidade de tais esforços. Os países socialistas avançam em todos os domínios da ciência e da técnica e já exportam suas conquistas tecnológicas e científicas. Este formidável progresso é também fator de entendimento, de compreensão, de colaboração amistosa. E, por fim, a vida mostrará qual o melhor dos dois sistemas.

R. — Não será fácil obter a concordância para uma política de paz e coexistência da parte de governos que se alimentam da política de guerra fria. Não a aceitarão, certamente, os governos de tipo fascista como o de Franco ou Salazar. Não a aceitará a camarilha de Chiang Kaichek em Formosa. A política de coexistência é repelida abertamente pelo governo ultra-reacionário de Adenauer, na Alemanha Ocidental.

P. — Os Estados Unidos eram, em bloco, a favor da guerra fria contra os países socialistas e, em última análise, em favor da guerra atômica?

Os grupos sociais que sustentam semelhantes governos temem perder as posições que conquistaram no pós-guerra e que só mantêm ainda à custa da «ajuda» dos Estados Unidos, dos milhões e milhões de dólares invertidos na corrida armamentista. Temem, principalmente, que um alívio na situação internacional determine o fortalecimento das posições de forças internas que lhes são opostas e que podem derrocá-los.

R. — Não. As forças políticas predominantes nos Estados Unidos, durante muitos anos, fizeram valer a política da guerra fria e de preparativos intensos para a guerra atômica. Mas nos Estados Unidos sempre existiram ponderáveis forças contrárias à guerra fria e à política de guerra atômica. Essas forças estão profundamente enraizadas no povo norte-americano, sobretudo em sua classe operária. Não podemos de maneira alguma confundir os imperialistas norte-americanos com o povo norte-americano. Aquêles podem durante um determinado período impor a sua vontade. Mas acabará por prevalecer a vontade do povo. Jamais deixou de haver demonstrações antiguerreiras nos Estados Unidos, mesmo no auge da guerra fria. Nos últimos tempos, políticos de destaque da própria burguesia americana se mostravam favoráveis a um entendimento com a União Soviética e ao reconhecimento da República Popular da China. O ex-embaixador George Kennan está entre eles, assim como os senadores Mansfield e Fulbright. Até mesmo o ex-secretário de Estado de Truman, Dean Acheson, vinha criticando ultimamente a política exterior do Partido Republicano imposta por Dulles.

P. — As contradições ideológicas entre o Leste e o Oeste, ou melhor, entre o campo socialista e o campo capitalista devem impedir o acordo para a coexistência pacífica?

Estas opiniões expressavam o profundo anseio que existe entre o povo norte-americano de que se resolvam por meios pacíficos os problemas internacionais em litígio.

R. — As contradições ideológicas existem e continuarão a existir. Elas são inerentes a duas concepções do mundo e da vida, a dois sistemas sociais, econômicos e políticos diferentes. Nos Estados Unidos continua a dominar o regime capitalista, bem como na Inglaterra, na França e em outros países. Na União Soviética, China e outros países o socialismo atinge seu auge ou se consolida e na URSS se encontra já na fase de transição para o comunismo.

No entanto, isto não impede de forma alguma a compreensão, o entendimento, a coexistência, enfim, entre os dois sistemas. Essa coexistência se fará à base da não intervenção nos assuntos internos um do outro, do respeito à soberania, da não violação da integridade territorial um do outro. E, ao mesmo tempo, à base da liquidação de todos os obs-

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmon Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712
— Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral .. " 130,00
Trimestral .. " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte

N. avulso .. Cr\$ 5,00
N. atrasada .. " 8,00..

DE KRUSCHIOV A EISENHOWER

«Estamos convencidos de que os esforços conjuntos dos países, e em primeiro lugar os esforços conjuntos dos Estados Unidos e União Soviética podem conseguir plenamente o saneamento radical da situação internacional. Um importante progresso pode ser a conferência de dirigentes de Estados, com a participação dos chefes de governos».

(De uma mensagem de Kruschiov a Eisenhower, de 11 de junho de 1958).

LOTT

APOIO AO PROGRAMA DE REFORMAS DO P.T.B.

Recebido pela direção do Partido Trabalhista Brasileiro na última segunda-feira, o marechal Teixeira Lott ouviu do sr. João Goulart a declaração de que o seu nome seria levado à próxima Convenção Nacional do PTB para ser homologado como o candidato dos trabalhistas às eleições presidenciais de 1960.

partido à apreção do PSD e do candidato como condição preliminar para o seu apoio ao nome de Lott. O PSD já havia oficialmente se manifestado de acordo com o programa.

Dêse modo, fica selada a aliança entre os dois partidos situacionistas em torno da candidatura Lott à presidência da República. E com isto ganha a candidatura do ministro da Guerra um considerável lastro nacionalista e popular. O apoio de Lott às reformas de base propostas pelo PTB significa o compromisso solene de que o candidato lançado pelo PSD toma desde já posição favorável a uma série de importantes medidas legislativas, tais como a reforma agrária, a limitação da remessa de lucros pelas empresas estrangeiras, a regulamentação da previdência social e do direito de greve, etc.

Por sua vez, o marechal Teixeira Lott, discursando no grande comício de segunda-feira, anunciou sua plena aprovação ao programa de reformas de bases do PTB, submetido por esse

lares fizeram-se representar no «meeting», a que compareceram também várias personalidades políticas, entre as quais os governadores Leonel Brizola e Roberto Silveira.

A nota política dominante no comício, não se entre as faixas desfraldadas pelas organizações sindicais e populares como na maioria dos discursos pronunciados, foi a exigência do reatamento de relações diplomáticas e comerciais entre o Brasil e os países socialistas. Dirigindo-se ao marechal Lott, o representante dos moradores das favelas, o ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, Marcos Heussi Neto, o operário Argemiro da Rocha Junior, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica, e o marítimo Taumaturgo de Azevedo, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, acentuaram a necessidade de o Brasil manter relações normais com todos os povos, pois o nosso isolamento em relação a países como a URSS e a China Popular fere os interesses nacionais e é uma imposição inadmissível do imperialismo norte-americano.

Além disso, em todos os discursos os oradores acentuaram que o povo brasileiro exige de seus governantes uma política firmemente nacionalista, de luta vigorosa contra os trustes internacionais e os entreguistas, capaz de conduzir à solução dos afilivados problemas em que se debate o nosso povo.

Outro ponto saliente nos discursos foi o protesto dos representantes dos trabalhadores contra o famigerado decreto antigreve 9.070 e a recente portaria inconstitucional da polícia que permite a intervenção aberta nos sindicatos sob a esfarrapada alegação de «combate ao extremismo», assim como a exigência da aprovação da lei de greve e da previdência social.

DISCURSO DE JANGO

São os seguintes os pontos mais importantes do discurso pronunciado pelo presidente do PTB, sr. João Goulart: 1) Em face do apoio integral manifestado pelo marechal Teixeira Lott e pelo diretor nacional do PSD ao programa de reformas de base proposto pelo Partido Trabalhista, o nome do atual ministro da Guerra será levado à Convenção petebista para a homologação de sua candidatura. Para isto é necessário que o marechal Lott se ponha à frente de uma campanha verdadeiramente nacionalista e popular, como o fez durante os acontecimentos de novembro de 1955.

O COMÍCIO

O comício promovido pelo PTB foi, sem dúvida, uma impressionante manifestação popular. Milhares de pessoas concentraram-se em frente à sede do Partido Trabalhista, conduzindo numerosas faixas e cartazes em que eram apresentadas reivindicações de caráter nacionalista e democrático. Dezenas de sindicatos e organizações popu-

Fora De Rumo RAIMUNDO MONATO

Sem dúvida, o desenvolvimento das forças políticas nacionais em luta contra os restos do feudalismo apresenta aspectos heróicos. Há uma declaração de guerra a velhos preconceitos. Desencadeia-se uma rebelião contra todas as formas de resistência ao progresso material e cultural.

E' verdade que o coronel Danilo, amamentado, na primeira infância de sua vida política, no ambiente comprometedor dos serviços ligados ao FBI, passando da Polícia para o Conselho de Abastecimento ainda se manifesta como um sonâmbulo de anticomunismo, incapaz de se libertar da armadura de tira.

Mas enquanto isso o que vemos em Belo Horizonte? A cidade está sem água e sem luz. A Bond and Share continua a travar combates em defesa de seus privilégios imperialistas e no entanto religiosas Franciscanas, Carmelitas, Servas do Espírito Santo, Irmãs de Nossa Senhora do Calvário e Irmãs de Nossa Senhora das Dores, sob o olhar complacente do bispo-auxiliar D. Serafim, associam-se a um espetáculo ginástico, brincam de bambolê e segundo a reportagem de uma revista ocidental e cristã, denominada, por coincidência «O Cruzeiro», num belo campo de esportes da cidade sem luz e sem água, atiram longe as sandálias e executam um «petit ballet», entre milhares de mocinhas do mundo leigo, «num belo espetáculo de ritmo e disciplina».

Esses fatos positivos, no íntimo, irritam o norte-americano naturalizado Al Neto. De cachimbo na mão, ele apareceu, há dias, num programa de TV. Falando, como sempre, caçoanje mesclado de «slang», o que dá como resultado uma espécie de dialeto curiosíssimo.

Mister Neto, estranheu que tenha surgido nas colunas de «O Globo» a colaboração de um «colunista de esquerda», que prega a divisão da propriedade territorial. Referia-se, evidentemente (ou aparentemente, como diria o próprio Mister Al) ao sr. Rubem Braga, que de raspão, um dia antes, ajudara à reforma agrária. Acontece porém, que Al Neto é proprietário de terras no município de Lajes, cuja população o aponta como gaúcho; enquanto os gaúchos revidam que o novo cidadão inaque nasceu mesmo em Santa Catarina. Em Lajes, Al Neto vestido de «cow boy» (uma bela fantasia do baile do Municipal) percorre seus latifúndios em cavalo manso e castrado. A simples idéia de perder o «rancho», a mina e o mapa da mina exaspera o falso «cow boy», que passa a ver no sr. Rubem Braga um cronista de esquerda, quando Rubem, na verdade, sem deixar de ser um bom cronista, há muito abandonou a esquerda. E' verdade que também não é de direita. Rigorosamente, a nova aquisição do dr. Roberto Marinho, hoje em dia, não é de nada. Mas ainda assim assusta o «cow boy» do Municipal.

A FALA DO CANDIDATO

Em seu discurso (lido) o marechal Teixeira Lott antecipou alguns pontos de sua plataforma de candidato. Entre os problemas abordados em seu pronunciamento, destacam-se os seguintes:

- 1) Manifestou integral apoio ao programa de reformas de base do PTB.
2) Evitando, embora referir-se à expressão reforma agrária, pronunciou-se a favor da «posse da terra pelo trabalhador rural», condenando o «latifúndio improdutivo e o minifúndio antieconômico». Acentuou ainda a necessidade da assistência técnica e financeira aos pequenos proprietários.
3) Declarou-se a favor da «extensão do direito do voto ao analfabeto e à eliminação da intervenção do poder econômico no processamento das eleições».
4) Pela aprovação de uma lei orgânica da Previdência Social que assegure os benefícios aos trabalhadores, ou suas viúvas e órfãos, garantindo-lhes proventos e pensões que permitam condições de vida dignas de seres humanos.
5) Pela regulamentação do direito de greve.
6) Afirmou que «o nacionalismo é o mais sagrado dos nossos princípios políticos» e que «a Petrobrás é intocável».
7) Manifestou-se a favor de Brasília e fez um rápido balanço dos metas traçadas pelo sr. Juscelino Kubitschek. Deve-se assinalar, porém, que o marechal Teixeira Lott evitou referir-se, em

seu discurso, a uma série de problemas essenciais e imediatos. Um deles, por exemplo, do capital estrangeiro, que, de em ocasiões anteriores, foi denunciado abertamente e com medidas que limitam a transferência de divisas, não fez o candidato qualquer referência a esta questão fundamental para o Brasil. Da mesma forma, não mencionou o problema dos preços no Brasil, quando há uma crise evidente para todos os setores. Há uma profunda revolta dos trabalhadores, criada já agora pelo preço do café no Exterior, no seu elemento de produção do em vista não só a queda dos preços, nossas relações comerciais e econômicas com os países imperialistas, mas também uma posição de clara e manifesta inércia em face dos Estados Unidos, a qualquer outro país.

Nesse sentido, até, não se pronunciou o candidato no pronunciamento do PTB quando são conhecidas as duas reivindicações fundamentais de relações com a URSS: a extinção do veto da maioria dos Estados-partes, e a participação dos trabalhadores e do povo brasileiro em uma política econômica e social que permita o desenvolvimento econômico e a melhoria da política externa brasileira, a qualquer volta de fato para o Brasil, que seja nacionalista.

Consolidada No Rio Grande a Vitória De Arraes



RECIFE (Do correspondente) — A medida que se aproxima do fim a apuração do pleito, neste Capital, amplia-se a diferença em favor da chapa nacionalista. Miguel Arraes ... 65.196
Antônio Pereira .. 41.448
Para vice-prefeito:
Lima Cavalcanti .. 55.061
Eládio Carvalho .. 34.212



Caricatura, caricou o palanque cercado por compacta massa popular

LACERDA E JÂNIO ACERTAM OS PONTEIROS

Ao encontro do sr. Jânio Quadros, partiram para Londres os srs. Carlos Lacerda e Aluizio Alves, designados pela direção da UDN para discutir com o ex-governador paulista problemas ligados à sua candidatura e à próxima campanha eleitoral.

O objetivo central dos entendimentos além-Atlântico parece ser a escolha definitiva do vice de Jânio. Há, como se sabe, em torno deste problema uma luta acesa entre os maiores udenistas, reavivada mais ainda com as recentes declarações do sr. Quadros de que preferia para seu companheiro de chapa o sr. Juraci Magalhães. Este pronunciamento teria desagradado, sobretudo, os setores juracistas da UDN, que interpretam esta atitude como uma manobra visando afastar de uma vez o governador da Bahia como candidato possível ainda a Presidência da República.

De qualquer forma, os líderes udenistas Lacerda e Aluizio Alves vão a Londres com a disposição de «acertar os relógios» com Jânio. Esperam que, ao voltar da Europa, estejam superadas todas as dificuldades e possa a «eterna vigilância» lançar-se em definitivo na campanha eleitoral pró-Jânio. Embora seja difícil admitir que a «conferência de Londres» venha afastar as inúmeras contradições em que se enreda atualmente o udenismo — podendo, ao contrário, contribuir para agravá-las — o fato é que a candidatura do sr. Jânio Quadros aparece cada vez mais claramente como uma candidatura tipicamente udenista, comprometida com o que há de mais reacionário na vida política do país: o lacerdismo, a linha do Clube da Lanterna.

O efeito publicitário porventura alcançado pelo sr. Jânio Quadros com a sua viagem à União Soviética vai assim se esvaindo rapidamente, na medida em que a sua candidatura se afirma o que é na realidade: uma tentativa dos setores mais antipopulares e comprometidos com o entreguismo de empolgar o Poder para realizar a política do 24 de agosto, contra os interesses do povo e da nação.

Lacerda e Jânio vão encontrar-se em Londres como parceiros que discutem e acertam detalhes de uma conspiração antidemocrática, repudiada por todos os que desejam a independência e a liberdade para o nosso país.

CONTRA A PORTARIA DA POLÍCIA

Deputados gaúchos e líderes sindicais paulistas se dirigem ao presidente da República

SÃO PAULO (Do Correspondente) — Os dirigentes sindicais deste Estado endossaram um abaixo-assinado ao Presidente da República e ao Ministro do Trabalho, protestando energicamente contra a Portaria do Departamento Nacional de Segurança Pública, que «pretende reter o fomento das ideias de ideologia, violando constitucionalmente a Constituição Federal que garante a liberdade de pensamento». O referido abaixo-assinado, formado por dezenas de dirigentes dos mais importantes sindicatos paulistas, e recebido das autoridades federais a fim de promover a imediata revogação da Portaria.

Provada a sonegação de carne

Mudando o objetivo das suas «batidas», a polícia conseguiu descobrir cerca de 500 toneladas de carne em estoque, contrariando as afirmações dos responsáveis pela distribuição do produto, que a diziam estar em falta. Em vez de investigar nos açougues, como vinha fazendo até agora, a polícia foi diretamente aos frigoríficos, aí encontrando carne em grande quantidade.

DEPUTADOS GAÚCHOS

PORTO ALEGRE (Do Correspondente) — Deputados da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul votaram em favor do Vice-Presidente da República, e assessoraram o Senado e a Câmara Federal num ofício de apoio da tentativa de cassação do ministro de Justiça do Estado de São Paulo.

A maior parte da carne sonegada foi apreendida nos frigoríficos Wilson, Swift, Armour e Anglo, o que bem demonstra quais são verdadeiramente os beneficiados com os aumentos. Da carne apreendida, 500 quilos pertenciam à COFAP, estando guardadas nas dependências dos Frigoríficos Nacionais. Grande parte do produto descoberto será entregue à COFAP para que ela o venda diretamente ao povo, em seus postos. A elogiável ação das autoridades policiais contra os Frigoríficos pode significar o início de medidas acertadas em defesa dos interesses da população.

A PERMANÊNCIA DE EUCLIDES DA CUNHA

A 15 de agosto completa-se meio século do assassinato de Euclides da Cunha. O autor de «Os Sertões» nasceu a 20 de janeiro de 1866, na então província do Rio de Janeiro. Sua passagem pela Escola Militar da Praia Vermelha, aos 22 anos de idade, está marcada por um lance característico de sua viva personalidade de revolucionário, inconformado com a situação de atraso do país e de miséria de seu povo. Republicano ardoroso, o jovem Euclides da Cunha, numa parada militar ante o Ministro da Guerra da monarquia, verga ao joelho e lança em terra a arma que traz consigo, símbolo de um regime repudiado. Desligado do Exército, Euclides da Cunha vai cursar a Escola de Engenharia. Mas, proclamada a República, um ano após o seu ato de rebeldia, retorna à Escola Superior de Guerra, terminando o curso. Por ocasião da revolta da Armada, participa ativamente da defesa da República. Logo depois retoma a vida civil, indo trabalhar como engenheiro no Estado de S. Paulo.

Essa, em traços largos, a sua biografia dos vinte anos.

A guerra aos camponeses de Canudos, contra os quais se mobilizam forças de um extremo a outro do País, viria dar um novo rumo à vida de Euclides da Cunha e projetá-lo repentinamente nos cimos

da nossa intelectualidade. A partir de 1897 é que de fato Euclides da Cunha passa a exercer um papel efetivamente revolucionário no pensamento brasileiro. Com «Os Sertões» (1902) fere de cheio o grande problema que interessa, o progresso do país: o contraste chocante entre a cidade e o campo, o abandono criminoso em que mergulham as populações sertanejas, de que Canudos era apenas a expressão alarmada. E é ele que seguira para o interior da Bahia

RUI FACÓ

certo de que ali se decidiam os destinos da jovem República, constata a burla, denuncia-a e denuncia o crime. Não vacila em aderir abertamente à parcialidade dos que enfrentam com tanta coragem as tropas armadas até os dentes a serviço do latifúndio feudal. Passa-se para o lado dos bravos que as «ordens do dia» qualificavam de «bandidos famigerados». «Fôra até demais de frase caracterizá-lo como inimigo, termo extemporâneo...» — protestaria

patricios ignorados. Conheço-os de perto. Vi-os na quietude de suas vidas primitivas. Vi-os na batalha. Atravessei com eles dias de lutas heróicas e sem glória nas campanhas formidáveis e obscuras do deserto».

Esse homem simples do interior seria o objeto permanente de suas preocupações. Durante seus estudos de cartografia no Amazonas, o engenheiro que levanta cursos de rios, é mais atraído pelos seres humanos submetidos à escuridão dos seringais do que pelos acidentados geográficos. Poucos revelaram tão ao vivo, como ele o fez, as terríveis condições de existência do sertanejo que fugia das secas e ia cair sob o guante de ferro do dono do seringal.

Jamais de se culparia «essa inciência deplorável em que vivemos acerca das regiões do interior».

Seria ele o descobridor do verdadeiro Brasil, das regiões até então ignotas da nossa interlândia. Como nenhum outro contemporâneo seu, Euclides da Cunha contribuiu para torná-los conhecidos em toda a sua rudeza, sem adornos. Fugindo ao encantamento da paisagem, vê o homem. E, não

obstante todos os seus lastimáveis preconceitos de raça, tinha plena confiança no futuro do Brasil, pois o homem que ele considerava «o cerne vigoroso da nossa nacionalidade» possuía todos os atributos capazes de arrancar o País do «presente a bo mínavel em que vivemos» e projetá-lo entre as grandes nações do futuro.

É verdade que a própria luta sangrenta que se travou durante um ano nos sertões da Bahia sacudiu o Brasil inteiro. Mas Euclides da Cunha foi a consciência do problema que eclodia e que não era de uma região ou de um Estado, mas nacional. E não podia ser resolvido a bala ou a dinamite: era o Brasil interior que desperitava e não admitia continuar indefinidamente ignorado.

O ter sido o porta-voz deste profundo anseio de vida explica o fato de Euclides da Cunha permanecer tão atual em nossa literatura, sucederem-se as edições de seu livro apaixonante e o drama de Canudos palpitar ainda, como se tivesse acontecido ontem, objeto constante de interesse, meio século depois do desaparecimento do autor de «Os Sertões».



DESAPARECE UM COMBATENTE DO PROLETARIADO: LABRIOLA

Aos 86 anos de idade, faleceu recentemente em Roma um eminente revolucionário italiano, conhecido combatente da causa dos trabalhadores: Arturo Labriola.

Labriola nasceu em Nápoles a 21 de janeiro de 1873. Desde a adolescência, passou a militar nas fileiras socialistas, participando da fundação da seção napolitana do PSI. Tinha 15 anos quando foi preso a primeira vez, durante uma mani-

festação republicana. Posteriormente, ainda por suas atividades revolucionárias, foi condenado a 5 anos de prisão, refugiando-se na Suíça.

A partir dessa época, Arturo Labriola não conheceu repouso em sua atividade como revolucionário da classe operária. A partir de 1900, torna-se chefe da corrente revolucionária do Partido Socialista Italiano e diretor da «Avanguarda Socialista». No seio do Partido travam-se lutas de tendências — marxista, sindicalista, antimarkista, etc. — e nem sempre Labriola assume posições esboçadas. Mas sua honestidade, sua firmeza revolucionária, sua fidelidade à causa que abraçou levaram finalmente ao caminho certo.

Depois de ter participado do governo sob o gabinete de Giolitti, em 1920, como Ministro do Trabalho, Labriola toma a iniciativa de elaborar as primeiras leis em favor dos trabalhadores.

O advento do fascismo na Itália o encontra no Parlamento. E Labriola combate o fascismo de Mussolini desde a sua ascensão ao Poder. Em 1920, alvo de perseguições, vendo seus companheiros assassinados ou presos, emi-



Labriola

"30 ANOS DE ARTE BRASILEIRA" — GALERIA MACUNAIMA

Foi inaugurada, no dia 4, na Escola Nacional de Belas Artes (entrada pela Rua México), a Exposição «30 Anos de Arte Brasileira», que dá início às atividades da Galeria Macunaima.

Preocupado com a falta de divulgação das obras de arte brasileiras, um grupo de estudantes da Escola de Belas Artes resolveu fundar a nova galeria, visando levar diretamente ao povo o que fazem os pintores e escultores brasileiros. O desejo dos jovens da ENBA é que do seu trabalho resulte uma aproximação entre a arte e as camadas populares.

A Galeria Macunaima, cujo nome — título de uma obra de Mário de Andrade — é uma homenagem a um dos intelectuais que maior esforço desenvolveu em prol do surgimento de uma cultura verdadeiramente nacional, faz parte de um conjunto de realizações que esse grupo pretende patrocinar. A fim de desenvolver as atividades artísticas baseadas em motivos brasileiros,



A Exposição, que tem despertado grande interesse, conta com obras de Portinari, Segall, Di Cavalcanti,

Pancetti Guignard, Volpi, Tarsila, Dianira, Seliar, Dacosta, Iberê, Heitor dos Prazeres, Goeldi, Abramo, Fayga, Grassman, Brechete, Giorgi Cravo e Santa Rosa. Na foto, um aspecto da exposição.

CINEMA



Pascale Petit e Jacques Charrier, «Juventude transviada» francesa.

OS TRAPACEIROS

Em maio de 1959, a convite da UNIFRANCE FILM, visitei alguns estúdios parisienses, entre os quais Saint Maurice, onde Marcel Carné trabalhava em seu último filme — «LES TRICHEURS». No estúdio reconstruiu-se um quarteirão com um bar e estação de metrô na porta. As filmagens desenrolavam-se no interior do bar e uma voz fazia-se ouvir: «On demande M. Folix au téléphone». Um homem gordo levanta-se da mesa enquanto um casal avança para ele. Esta curta cena foi repetida 5 ou 6 vezes. Depois, um pequeno intervalo e as apresentações a Carné, Pascale Petit, Jacques Charrier e o fotógrafo Claude Renoir. Durante um quarto de hora pudemos interrogá-lo e ouvir um rápido esboço da história de «LES TRICHEURS», baseado em fatos que realmente se passaram e sobre os quais Carné fez rigorosa pesquisa. São estas palavras:

«Em nossa pesquisa encontramos como constante este desejo de «viver rápido», «aproveitar o máximo possível», porque a bomba atômica pode acabar com o mundo; se há rapazes que têm um «jaguar» porque não hei de tê-lo, não importa os meios. São rapazes e moças que não tiveram um bom exemplo em seu próprio lar, os pais que não se preocuparam com a vida de seus filhos. Cada qual preocupado com seus próprios problemas, os pais esqueceram-se de suas obrigações. O filme não é uma acusação à juventude, antes, será uma advertência aos pais.»

A primeira vista o filme de Carné parecerá insólito, exagerado e, para alguns moralistas, excessivamente «realista», ou, até mesmo, grosseiro. Os jovens retratados em OS TRAPACEIROS, felizmente, não constituem a maioria, mas seu mau exemplo vem sendo limitado, explorado criminalmente pela má imprensa, exportado para os mais variados pontos do globo. É preciso ser agressivo para fazer-se ouvir e entender por estes rapazes e moças desorientados que se escudam em teorias de «fim de mundo» para justificar sua conduta. Seria hipocrisia atribuir tudo aos desníveis econômicos, esquecendo-se o componente emocional representado pelo sexo. A solidão é angustiante problema de homens e mulheres em todas as latitudes, daí o aparecimento de teorias sobre a liberdade sexual total substituindo a afetividade e a atração física naturais.

A delicadeza do assunto exposto ensejou ao cineasta, conhecido e admirado de OS VISITANTES DA NOITE, a oportunidade de mostrar sua vitalidade artística e sua constante atenção para os fatos sociais de nossos dias. Há na história de Carné e nos diálogos de Jacques Sigurd muito de poesia, de compreensão humana, de censura ao indiferentismo da coletividade. Aos jovens há uma advertência de que não devem «trapacear» com os próprios sentimentos, esconder o amor e o desejo como coisas novas. Sob a aparência insólita, OS TRAPACEIROS conduz a conclusões objetivas de sentido moral e educacional, deixando a cada um o dever de procurar as soluções para o fenômeno sociológico. Artisticamente, nada fica a dever de outros filmes do próprio Marcel Carné e muito se assemelha pelo estilo e tema escolhido aos propósitos dos jovens realizadores franceses já conhecidos como a «nouvelle vague». Aliás, OS TRAPACEIROS revela alguns talentos novos, como Pascale Petit (Mic), Jacques Charrier (Bob), André Parisi (Clô) e Laurent Terzieff (Alain), que muito bem representam a arte cênica francesa em constante renovação.

Gennyson Azevedo

TEATRO

«DE CABRAL A JK»

SOFRESSEMOS nós do fígado e a descortesia com que fomos recebida e o desconforto com que assistimos ao espetáculo se refletiram em nosso comentário. Efetivamente, um tal sr. Carambola colocado na porta, não primando pela urbanidade, fez questão de desconhecer nossa qualidade de representante da imprensa especializada, apesar da carteira comprovante. Justificamos, em parte, sua atitude diante do fato de estarmos em tais funções, muito recentemente. Mas não justificamos a desatenção, muito menos diante da declaração de nossa condição de professora do Conservatório Nacional de Teatro, atestada por diversas pessoas presentes. Assistimos a parte do espetáculo do lado direito, nos balcões de onde para ver, éramos obrigada a permanecer debruçada, perdendo, ainda assim de vista, grande parte do palco. No intervalo, mudando para as galerias, tivemos então, uma visão de conjunto.

E com grande alegria que recomendamos essa revista. Ela implica em uma verdadeira reabilitação do histórico teatro da Praça Tiradentes, João Caetano, de seu túmulo, deve ter batido palmas de incentivo e aplauso. É uma verdadeira lição de como se pode fazer revista, mesmo naquela atualmente tão desmoralizada praça, sem apelar para a piada grosseira, os gestos e atitudes de significação equivocada. E não temos dúvida quanto ao sucesso do empreendimento. O público — que pela maneira calorosa, espontânea, desinibida com que se manifestava, era constituído dos frequentadores habituais daquele teatro, demonstrava, com toda evidência, saber apreciar a piada sã, o comentário político, a sátira aos costumes.

Esperamos que diante do sucesso e da carreira brilhante que estamos certa está reservada à revista «DE CABRAL A JK» a Companhia Brasileira de Espetáculos Musicados continue, no mesmo ritmo e com a mesma orientação adotada nessa primeira produção. Todo o elenco se apresentou seguro e homogêneo, cumprindo destacar Teresa Austregésio, graciosa, elegante e com boa dicção, Dinorah Marzulo compõe bem o tipo da professora, de quem não se perdia uma palavra (nesse ponto gostaríamos de nos estender sobre o assunto, se o espaço o permitisse, pois é engraçado verificar que a má acústica não prejudica aqueles que usam a voz com propriedade), o Conjunto «ANJOS DO INFERNO», as bailarinas típicas e ritmistas que se exibiram em números de samba e de batuque, com graça e agilidade admiráveis. Nossos aplausos a todos, especialmente a Orlando Macedo, diretor artístico, que estreou no gênero, realizando o milagre da preparação desse espetáculo, em tempo verdadeiramente recorde.

NOS BASTIDORES

consta que o novo Teatro Jardel, a ser inaugurado brevemente na Avenida Atlântica, estreará com uma comédia musical de autoria de Luiz Peixoto e Geysa Böscoll. Partitura de Ary Barroso. Por outro lado, Bibi Ferreira, que se acha entre nós, declarou em recente entrevista que regressará ao Brasil (agora está apenas matando saudades) quando terminem seus compromissos em Lisboa) para se dedicar ao gênero musicado. Como vemos, estamos voltando aos comços do século, época áurea da revista, operetas etc., muito do agrado popular. Bom será, entretanto, que se cuide um pouco das vozes, já tão deficientes no teatro declamado.

Beatriz Bandeira

RECIFE

Novo Catedrático de Direito Penal

RECIFE. (Do correspondente) — Constituiu-se em importante acontecimento da vida cultural pernambucana o recente concurso para provimento da cátedra de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade do Recife. Dois candidatos apresentaram-se, os professores Rui da Costa Antunes (que já vinha exercendo a docência da mesma cadeira) e Roque Brito Alves. A banca examinadora foi composta dos professores José Frederico Marques, Hello Tornaghi, Oscar Stevenson, Gentil Mendonça e Abgar Soriano, este último presidente da banca.

Realizando um concurso digno das tradições da gloriosa Faculdade, o professor Rui da Costa Antunes, conhecida personalidade do movimento democrático foi aprovado com a elevada média de 9,85, ficando em segundo lugar, com 8,7 de média, o professor Brito Alves. A tese apresentada pelo professor Rui Antunes — «Problema da Pena» — é um estudo longo e fundamentado, defendido pelo autor com grande brilhantismo. Dêsse modo, o professor Rui Antunes é o novo catedrático de Direito Penal da Faculdade, em substituição ao saudoso professor Aníbal Bruno.

RIO E S. PAULO:

TRABALHADORES (MAIS DE 1 MILHÃO) LUTAM POR AUMENTO

Cerca de um milhão e duzentos mil trabalhadores paulistas e cariocas encontram-se em plena batalha contra a onda crescente da carestia, já que o Governo vem se mostrando impotente para contê-la. A luta de emergência pelo imediato aumento de salários é o meio pelo qual a massa de trabalhadores procura impedir que a fome tome de assalto os seus lares.

As assembleias de dezenas de sindicatos que vêm se realizando aqui e em São Paulo nestes últimos dias, com a participação sempre crescente de enorme massa humana, revela o grau de inquietação em que se encontra a classe operária, face à orgia de preços que vai liquidando aceleradamente o poder de compra dos salários.

Esse movimento, realça a elevação de nível de entendimento da classe operária que, longe de se desesperar, procura reforçar a sua organização, ingressando em massa em suas entidades sindicais, comparecendo às suas assembleias e participando das discussões dos mais palpitantes problemas de cuja solução depende a melhoria do seu padrão de vida.

Exemplo disso foi a assembleia-monstro realizada no dia 7 último no Palácio do Metalúrgico, nesta Capital, onde mais de dois mil trabalhadores, enfrentando uma chuva renitente, compareceram à assembleia convocada pela sua entidade para discutir a proposta conciliatória de vinte e oito por cento de aumento de salários apresentada pelo DNT, e para debater sobre as medidas a adotar visando a aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social e da que regulamenta o direito de greve. Também os ferroviários da Central, superando todas as expectativas, lotaram completamente as dependências da União dos Ferrovários do Brasil nesta Capital, onde deram um prazo ao Governo e à Diretoria da RFFSA para que atenda às suas reivindicações até o próximo dia

FUMAGEIROS CARIOCAS RECUSARAM OS 15%

Os trabalhadores na indústria de fumo realizaram uma grande assembleia no sábado, dia 8, na sede do Sindicato, para apreciar a proposta patronal de aumento de salário. Os trabalhadores estão pleiteando 30% como reajustamento, pois já obtiveram 15% de majoração no mês de março deste ano. A Cia. Souza Cruz, que monopoliza a indústria em quase todo o país, e cujas ações pertencem em sua maioria a acionistas estrangeiros, ofereceu em 15%. A Tabacaria Londres está disposta a acompanhá-la. A Lages S.A. que havia pensado anteriormente em não aceitar os 15% oferecidos, decidiu aceitar os 15% oferecidos.

A assembleia não aceitou os 15% e tomou decisão para uma mobilização a fim de conquistar a sua tabela e ao mesmo tempo autorizou a Diretoria a prosseguir nas negociações com os empregadores.

31, caso contrário se prepararão para o desencadeamento da greve geral.

Em São Paulo, a movimentação nas assembleias sindicais também assume grandes proporções, embora a maioria dos acordos salariais só termine em outubro próximo. Cerca de 700 mil trabalhadores já se encontram empenhados na conquista de novo reajustamento salarial, destacando-se entre eles os metalúrgicos, tecelões, gráficos, vidreiros, ceramistas, chapeleiros, comerciários, marceneiros, trabalhadores em produtos químicos, em óptica, cortume, laticínios e papel e papelão.

Na Capital da República a luta se desenvolve entre os metalúrgicos, bancários, ferroviários da Central e da Leopoldina, sapateiros, aeronautas, padeiros, eletricitistas, fumageiros, alfaiates, oficiais de máquinas, hoteleiros, trabalhadores em moinhos, em construção civil e motoristas da Prefeitura, que somam mais de 500 mil trabalhadores. Nesta Capital a maioria dos acordos salariais terminou em primeiro de agosto; outros expiraram em julho, mas o auge das campanhas salariais está sendo atingido no mês em curso.

Rio e São Paulo constituem, desse modo, o eixo da luta gigantesca que se desenvolve atualmente em todo o país visando a assegurar a sobrevivência da classe operária, diretamente atingida pelo resultado das limitações da política econômica e financeira do Governo que, apenas nos primeiros seis meses do corrente ano, determinaram a elevação do custo da vida em mais de 25% no Distrito Federal, e em 22,2% de 1º de janeiro a 30 de abril na Capital paulista. Estudos realizados por órgãos técnicos de São Paulo revelaram que os salários dos trabalhadores daquela cidade sofrem uma rebaixa diária de Cr\$ 8,75.

Sem perder de vista a luta contra as causas da carestia, que continua sendo objeto de movimentos operários e populares em todo o país, os trabalhadores ora empenhados na conquista de melhores salários unem suas forças na campanha nacional pela aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social e da que regulamenta o direito de greve, reunindo ambas as reivindicações sob uma única bandeira.

ADVERTENCIA AO GOVERNO

Desse modo, os trabalhadores de todo o país, particularmente os do Rio e São Paulo, organizados em suas entidades de classe, lançam mais uma advertência ao Governo para que atenda às constantes sugestões dos congressos e conferências sindicais no sentido de que se realize uma política de contenção do custo da vida, limitando a remessa de lu-

cias, dividendos e «royalties» para o exterior; concedendo ágio especial reduzido para a importação de petróleo, borracha, trigo e máquinas-ferramentas; estabelecendo relações comerciais com todos os países do mundo; modificando a política creditícia dos bancos oficiais, de modo a beneficiar os empreendimentos nacionais; adotando medidas de reforma agrária e determinando a participação das entidades sindicais nos órgãos de abastecimento de mercadoria e de controle de preços. A adoção dessas providências, aliás, já foi prometida pelo Presidente da República a inúmeras comissões de dirigentes sindicais que com ele estiveram em várias oportunidades. Até hoje, entretanto, a situação permanece inalterada.

O que é mais grave é que as últimas medidas adotadas pelo atual chefe de polícia do Distrito Federal, Cel. Crisanto Miranda, deixam em evidência o propósito do Governo de impedir que os trabalhadores, os estudantes, os funcionários e demais camadas sociais se recusem a carregar nas costas todo o peso das dificuldades originadas pela sua atual política.

Assim, ao invés de tomar medidas destinadas a eliminar as causas da carestia, uma das quais está na própria irresponsabilidade administrativa, por conta da qual se permite a elevação de preços sem qualquer exame da real necessidade de tais aumentos, os elementos mais reacionários do Governo, através da ação do Chefe de Polícia do Distrito Federal, tentam inibir a massa trabalhadora, criando a «Seção de Controle de Atividades Antidemocráticas», enviando agentes para policiar as assembleias sindicais e populares como se ali estivessem os responsáveis pela onda de descontentamento que se verifica no país.

Sem deixar de protestar contra as causas reais da carestia e contra as tentativas da polícia de fazer reviver o «testado de ideologia», os trabalhadores prosseguem lutando com todas as suas ener-

Evolução do pensamento de Euclides da Cunha

Uma conferência do escritor Rui Facó

Terceira-feira próxima dia 18, às 19 horas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em Porto Alegre, será realizada uma conferência do nosso companheiro de redação, o historiador e crítico Rui Facó, sobre «A evolução do pensamento de Euclides da Cunha».

A conferência, parte das comemorações do cinquentaenário da morte de Euclides da Cunha e promovida pela revista «Estudos Sociais».

A entrada é franca.

gias pelo reajustamento dos seus salários, mobilizando cada vez mais as suas forças para a eventualidade de uma greve, caso seja essa a única maneira pela qual possam ver atendidas as suas reivindicações. Uma coisa é certa: os trabalhadores não concordam em carregar sozinhos, em seu lombo, o peso das dificuldades do país, enquanto uma minoria privilegiada continua enriquecendo criminosamente e impunemente. Exemplo disso, de disposição dos trabalhadores em não se deixar esfarear passivamente, é a vigorosa luta de mais de um milhão de operários paulistas e cariocas pela elevação dos seus salários.

TELEGRAFISTAS APÓIAM AERONAUTAS

O sr. Wilson Reis, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas Telefônicas e Radiotelegráficas, enviou uma mensagem de solidariedade ao Comandante Ernesto Fonseca, presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas, pela atitude tomada em defesa do líder sindical João Viana, demitido arbitrariamente pela VARIG.

Na mensagem, o sr. Wilson Reis propõe a realização de um movimento conjugado de todas as entidades representativas dos empregados em serviços públicos no sentido de fazer valer os artigos 543 e 544 da CLT, que dispõem sobre estabilidade dos delegados sindicais e dos empregados sindicalizados.

O Direito De Greve, o STF e o Senado

O Supremo Tribunal Federal, em duas de suas últimas sessões, julgou constitucional o Decreto-lei nº 9.070. Com essas reacionárias e absurdas sentenças, o STF abriu o sinal verde ao emprego da violência e arbitrariedade por parte dos empregadores e das autoridades públicas.

Simultaneamente, o recém-empossado Chefe de Polícia, coronel Crizanto Figueiredo, e seu ajudante imediato, coronel França de Oliveira, tentam coadunar o atestado de ideologia e a interferência policial nas organizações sindicais e populares. Essa é a finalidade da Portaria nº 619, de 27-7-1959, criando um Departamento de Controle das Atividades Anti-Democráticas (DCAAD). Pretendem com essas atividades reacionárias e verdadeiramente antidemocráticas identificar, por meio de investigações, os dirigentes extremistas, mantendo-se informada (a polícia) a respeito de suas atividades contrárias ao interesse do regime e identificar os servidores públicos que exercem atividades extremistas; apurar, sempre que houver movimentos populares, se os mesmos são de extremistas e apurar atualmente um fichário representativo das atividades extremistas. Usam e abusam da palavra «extremista», que tanto tem servido para perseguir, denunciar, encarcerar os que lutam contra os inimigos de nossa pátria, contra os que exploram o povo, contra os que, no poder, abusam e tentam impedir que os trabalhadores e o povo reclamem seus direitos.

Mal havia sido assinada a Portaria 619, já os tras começaram, de lapis em punho, a exigir que os diretores dos sindicatos dessem os nomes dos que dirigiram os reuniões ou assembleias, dos que falavam, dos que compareciam, etc.

Enquanto isso vai acontecendo, os senadores não querem dar andamento ao projeto de lei, já aprovado na Câmara dos Deputados, que regulamenta o artigo 158 da Constituição. E, valendo-se disso, o Ministro Luiz Gallotti, do STF, declarou: O Decreto-lei nº 9.070 foi julgado constitucional por essa Corte Suprema, porque o artigo 158 da Constituição assegura o direito de greve, mas acrescenta que o seu exercício será regulado em lei. Pouco importa que essa lei seja anterior à Constituição, pois só estaria revogada por esta se fosse com ela incompatível. E, baseado nesse raciocínio reacionário, o STF deu razão ao Banco Noroeste do Estado de S. Paulo, que despediu a bancária Herminia Vaccaro Ramos, sua funcionária desde 9 de julho de 1921 (uma existência), porque em setembro de 1954 ficou em casa durante uma greve de bancários. Contra essa monstruosidade jurídica votaram os Ministros Vilas Bôas e Ribeiro da Costa, que declararam: O 9.070 é simplesmente inconstitucional. O direito de greve, inscrito na Constituição Federal como garantia individual, ou é um Direito ou não, ou não face desse decreto, obra de seu um Direito.

O exercício do direito de greve, amplo e sem restrições, é um ato princípio democrático que os trabalhadores não podem admitir seja mutilado, deturpado ou anulado. Em todas as reuniões internacionais sempre se elogia, sem condições, as leis sociais do Brasil. Os delegados brasileiros que participaram da Conferência Interamericana sobre Problemas da Guerra e da Paz aprovaram os Princípios Sociais da América (Ata de Chapultepec) que recomendou na alínea g: Reconhecimento do direito de associação dos trabalhadores, do contrato coletivo e do direito de greve. Depois, esse princípio foi também inscrito na Constituição de 1946. Mas, até

GREVE E PREVIDÊNCIA

Sindicatos De Todo o País Em Assembléia Permanente

Obedecendo a orientação de suas Confederações e Federações, centenas de entidades sindicais de trabalhadores de todo o país se encontram em assembleia permanente desde o dia 7 do corrente, mobilizadas na campanha nacional pela aprovação dos projetos da Lei Orgânica da Previdência Social e da Regulamentação do Direito de Greve, ora em discussão no Senado.

Como resultado das movimentadas assembleias que se realizaram em todo o país, já começaram a chegar ao Senado e à Câmara dos Deputados milhares de telegramas expressando a decisão dos trabalhadores de ver aprovados até o próximo dia 3 de outubro os referidos projetos que há mais de 12 anos tramitam pelas casas legislativas.

Na assembleia dos metalúrgicos desta capital, onde estiveram presentes mais de dois mil trabalhadores, foi aprovada, por unanimidade, uma proposta no sentido de que a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) promova uma concentração nacional de trabalhadores em frente ao Senado, em data a ser marcada, para levar aos parlamentares o pensamento dos operários sobre as emendas que estão sendo apresentadas aos Projetos de Lei Orgânica e do Direito de Greve, e apelar mais uma vez para que as referidas leis sejam aprovadas até 3 de outubro.

Além de resolverem permanecer em assembleia permanente, decidiram os metalúrgicos cariocas promover a realização de palestras nas empresas, e o envio de telegramas e abaixo-assinados ao Senado e à Câmara solicitando regime de urgência para discussão dos referidos projetos.

Os demais sindicatos do Distrito Federal, entre os quais os dos alfaiates, marceneiros, sapateiros, fumageiros, textos, bancários, padeiros, gráficos, ferroviários da Leopoldina e marítimos, resolveram, em suas respectivas assembleias, intensificar também a luta contra as emendas contrárias aos interesses dos trabalhadores, particularmente a que retira dos Institutos o monopólio do seguro de acidentes de trabalho, e promover a realização de palestras e o envio de mensagens aos parlamentares.

Além de resolverem permanecer em assembleia permanente, decidiram os metalúrgicos cariocas promover a realização de palestras nas empresas, e o envio de telegramas e abaixo-assinados ao Senado e à Câmara solicitando regime de urgência para discussão dos referidos projetos.

Os demais sindicatos do Distrito Federal, entre os quais os dos alfaiates, marceneiros, sapateiros, fumageiros, textos, bancários, padeiros, gráficos, ferroviários da Leopoldina e marítimos, resolveram, em suas respectivas assembleias, intensificar também a luta contra as emendas contrárias aos interesses dos trabalhadores, particularmente a que retira dos Institutos o monopólio do seguro de acidentes de trabalho, e o envio de mensagens aos parlamentares.

Anteriormente já uma comissão de dirigentes de entidades sindicais sediadas nesta capital havia estado no Senado a fim de levar ao conhecimento dos parlamentares os resultados das assembleias que se realizaram em todo o país, como parte da campanha que se estenderá até outubro.

No Estado do Rio, em assembleia realizada no dia 5, na sede do Sindicato dos Operários Navais, as entidades sindicais

Desaparece um combatente

Italião mais de 30 dias, sem abandonar todas as questões de política interna e externa. Uma de suas mais importantes orações desse período foi contra o Pacto Militar do Atlântico Norte.

Ativo Ladrado deixou uma volumosa obra política na qual estuda o papel do marxismo no movimento revolucionário contra, porém, Comendador, energeticamente a unidade anti-comunista, tornou-se um defensor apaixonado da União Soviética. E não obstante as vicissitudes sua vida política assumida pela fidelidade a causa do proletariado, pela sua vitórias, Balba e os outros.

Uma comissão de dirigentes de entidades sindicais sediadas nesta capital havia estado no Senado a fim de levar ao conhecimento dos parlamentares os resultados das assembleias que se realizaram em todo o país, como parte da campanha que se estenderá até outubro.

Conclusão da paz

Com a derrota da fascistice, volta à sua pátria. E embora sua avançada idade, não cessa de lutar. E refletiu no parlamento. E reconhecendo o papel excepcional importante desempenhado pelo Partido Comunista Italiano durante o domínio do fascismo, na guerra, na resistência. Ladrado termina aproximando-se dos comunistas. Forma ao lado dos comunistas no combate democrático cristãos de De Gasperi, que tentam por a neofascismo. De 1948 a 1953, promovida no Senado

Uma comissão de dirigentes de entidades sindicais sediadas nesta capital havia estado no Senado a fim de levar ao conhecimento dos parlamentares os resultados das assembleias que se realizaram em todo o país, como parte da campanha que se estenderá até outubro.

Uma comissão de dirigentes de entidades sindicais sediadas nesta capital havia estado no Senado a fim de levar ao conhecimento dos parlamentares os resultados das assembleias que se realizaram em todo o país, como parte da campanha que se estenderá até outubro.

Lycio Hauer
da tribuna
da Câmara:

Sem Relações Com a URSS Não Poderá o Brasil Seguir Uma Política Independente

AS REIVINDICAÇÕES DOS SERVIDORES PÚBLICOS E SUA VINCULAÇÃO AOS PROBLEMAS DECISIVOS DA NAÇÃO. — REATAMENTO: QUESTÃO BRASILEIRA QUE DEVE SER RESOLVIDA A FAVOR DO BRASIL — INADMISSÍVEL A INTROMISSÃO DO EMBAIXADOR NORTE-AMERICANO



Dep. Lycio Hauer

Transcrevemos a seguir a primeira parte da integral do discurso pronunciado pelo deputado Lycio Hauer, da bancada do PTB do Distrito Federal, no grande expediente da sessão da segunda-feira última.

«Sr. Presidente, Sr. Deputados:

Por vezes, sem que manifestemos nossa vontade na sua plenitude, as circunstâncias nos conduzem a praticar atos ou a participar em acontecimentos, cujos resultados nos deixam plenamente vinculados a outros, por dever de honra e de gratidão.

Assim aconteceu comigo. Quando — já lá se vão alguns anos — unido a um pequeno grupo de colegas, servidores públicos como eu, iniciei, junto ao governo de então, um movimento coletivo, — embora modesto — em prol de uma melhoria salarial, longe estava de prever fosse tal circunstância conduzir-me a aceitar, por dever de honra, minha candidatura a um cargo eletivo e a ser eleito.

Tal consciência de dever, aliada a de gratidão, me fez voltar agora, — no momento em que me iniciou nesta Tribuna, onde pontificaram os mais altos valores da República, cuja simples lembrança me dá um sentimento de respeito e veneração, inibindo-me e transportando-me à minha insignificância, — tal consciência é que me faz voltar ao pensamento e a palavra para a abnegada e incompreendida classe dos servidores públicos, a que me ufano de pertencer.

Infelizmente, sinto que não poderei realizar muito para atender aos justificados reclamos dessa classe. Seus problemas, na sua generalidade e no que têm de fundamental são aqueles

de todo o povo brasileiro: são problemas do desenvolvimento e da libertação econômica.

De pouco valem as leis, se continuam a ser letra morta, ou se apenas se executam na medida das possibilidades.

São por acaso pagas integralmente as gratificações por risco de vida ou saúde? Estão os servidores do Arsenal de Marinha, do Arsenal de Guerra, ou do Parque dos Afonsos percebendo a gratificação por trabalho insalubre? Não estão em considerável atraso as promoções do DCT? Grande parte dos servidores das verbas não estão sem receber desde janeiro? Prescreve o art. 256 da Lei número 1.711, de 28 de outubro de 1952: — «O Poder Executivo, dentro do prazo de doze meses, promoverá as medidas para a execução do plano de assistência referido no art. 161 desta lei, incluindo o limite mínimo de 45% do vencimento, remuneração ou provento do funcionário, como base de pensão a sua família».

Pois bem, Sr. Presidente, que lêz o Executivo? Onde está o Plano de Assistência ao Funcionalismo? Apenas em 1955, completamente fora do prazo legal, à guisa de regulamentação desse artigo, foi encaminhada Mensagem ao Congresso, consubstanciando nas medidas gerais de assistência, conforme discrimina o artigo 161 — assistência médica, dentária e hospitalar, sanatório, creches, financiamento, etc. — mas, tão somente, fixando como única, a pensão mínima de 45%. Tal Mensagem, transformada em lei — Lei n.º 3.373, de março de 1958 — não obstante esteja vigorando há quase ano e meio, não vem sendo cumprida na sua totalidade, sob alegações inaceitáveis e inadmissíveis.

Por outro lado, o art. 259 e seu parágrafo único, da mesma Lei número 1.711, de outubro de 1952, determinava ao Executivo que, dentro de dois anos, apresentasse ao Congresso um plano de classificação de cargos, com base nos deveres, atribuição e responsabilidades.

Praticamente, sete anos são passados e, até hoje, não tem o funcionalismo o seu plano de classificação, embora seja ele, para o próprio Governo, valioso instrumento de administração de pessoal.

Sómente com um criterioso plano de classificação de cargos, Sr. Presidente e Sr. Deputados, poderá ser observado o universal e constitucional princípio de «igual trabalho, igual salário»; resolvido o verdadeiro caos advindo, principalmente, do desvio de função; e adotado um bom sistema de remuneração.

Hoje, verifica-se que 70% dos servidores públicos, apesar da concessão do abono, assegurado pela Lei número 3.331, de janeiro do corrente ano, recebem vencimentos iguais ou inferiores a Cr\$ 9.000,00 mensais.

No seu conjunto, os servidores públicos do Brasil percebem salários de fome. Cerca de 30% têm salários iguais ou inferiores ao salário mínimo do Distrito Federal.

POLÍTICA EXTERIOR

Na conjuntura atual, Sr. Presidente, acredito que se tornou inevitável enfrentar e resolver o problema que diz respeito à política exterior do nosso país. Certamente há quem negue qualquer problema nesta esfera, afirmando bastar ao Brasil a sua política externa tradicional. Não se trata, porém, de rejeitar os valores comprovados desta política tradicional mas de reconhecer que certas de suas linhas se chocam flagrantemente com as novas realidades da situação interna e internacional. Quando o país se desenvolve e cresce de modo tão significativo do ponto-de-vista econômico e social, quando o cenário mundial adquire nova configuração, a rotina em matéria de concepções da política exterior será, em alguns, apenas equívoco, mas em outros certamente obedece aos mesmos objetivos antinacionais que a terminologia brasileira já resumiu no conceito do entreguismo.

Nenhum povo sobre a terra pode ficar indiferente aos fatos que anunciam a atenuação da «guerra fria» e fundamentam por toda a parte a esperança do seu possível término. Independente de sistemas sociais e de convicções ideológicas, a humanidade anseia por ver definitivamente afastada a ameaça de uma nova guerra mundial, que, uma vez desencadeada, a todos os povos envolveria e sobre todos lançaria as fúrias da mais terrível destruição.

Foi, por isto, com o mais justificado júbilo, que a opinião pública do mundo inteiro recebeu a notícia oficial sobre a próxima troca de visitas entre os chefes de governo das duas potências, que hoje arcam com a principal responsabilidade pela sorte da paz internacional. Qualquer que seja o campo de idéias e de interesses em que nos situemos, só temos motivos para esperar que a visita do Primeiro-Ministro Kruschiov aos Estados Unidos e do Presidente Eisenhower à União Soviética abra caminho para os acordos que permitirão assegurar a coexistência pacífica entre os sistemas mundiais do capitalismo e do socialismo.

A esta circunstância mostrou-se imediatamente sensível o Sr. Presidente Juscelino Kubitschek, na declaração que os jornais do dia 5 do corrente publicaram e que aqui reproduzo na íntegra, a fim de constar dos anais desta Casa:

«Deposito as melhores esperanças na tentativa que ora se faz de aproximação entre as duas grandes nações de que depende a paz no mundo. Todo esforço no sentido de evitar que uma prolongada tensão nas relações entre os povos possa degenerar num novo conflito, desta vez de consequências realmente imprevisíveis, deve ser estimulado e mesmo advogado com veemência. Há um campo em que os povos, sem quebra dos princípios e dos valores que os configuram moralmente, podem entender-se. O que está em jogo não é apenas o destino da Rússia e dos Estados Unidos, mas o destino de toda a civilização. A nossa formação e os valores espirituais que orientam a nossa vida levam-nos a aplaudir todo movimento sincero que vise a preservar a paz no mundo.»

Pense que S. Exa e Sr. Presidente da República expressou com estas palavras, o sentir da própria nação brasileira.

Também o Sr. Horácio Lafer, novo Ministro das Relações Exteriores, não passa despercebido o transcendental alcance das novas realidades, que hoje se impõem no panorama internacional. E' o que no seu discurso de posse deixou patente, quando afirmou: «A política internacional não é um método, não é uma rotina, mas alguma coisa de vivo, que se alimenta de acontecimentos e é por estes orientada. Desde ontem,

Eis a razão, Sr. Presidente, porque, com dados indispensáveis, faço, aqui, a seguinte afirmativa: em 1960, ao contrário do que muitos pensam, inadvertidamente, o funcionalismo civil ativo pesará no orçamento a insignificância de 13,7%.

E, vale salientar, esses dados são em bloco. Estão nelas comprovados cargos vagos, despesas com serviços extraordinários, etc., muitas vezes não efetuadas.

Mas, Sr. Presidente e Sr. Deputados, conforme salientei acima, ao expor, nos seus traços mais importantes, os problemas do funcionalismo público, cometeria, sem dúvida, grave erro, se porventura tentasse desvinculá-los dos problemas bem mais vastos e ponderáveis que dizem respeito ao conjunto do povo brasileiro. De maneira alguma viria alimentar em meus colegas de serviço público a idéia errônea de que não devem interessar-se senão pelas suas reivindicações específicas quando é indispensável se acrescentar o seu esforço ao de todos os brasileiros que hoje lutam pelos ideais nacionalistas e democráticos. Há questões que afetam ao servidor do Estado e que, na verdade, não terão solução enquanto permanecerem sem solução problemas decisivos para todo o povo brasileiro.

novos acontecimentos desanuviaram a atmosfera sombria que pousava sobre a humanidade e nos obrigam, nação latino-americana que somos, a reexaminar nossa atitude e, possivelmente, a formular uma política diferente e nova.»

Manifestando o seu acordo com estas palavras do Exmo. Sr. Ministro, acrescentaria apenas que uma política externa diferente e nova não é só possível como necessária e inadiável, revalorizando, precisamente, a tradição pacifista de que com tanta razão nos orgulhamos.

ESTRANHA ANOMALIA

Há uma questão da qual não podemos nem devemos nos abstrair: que política independente e ativa pode o nosso país seguir no plano internacional, enquanto estiver privado de relações diplomáticas com uma das duas grandes potências que agora se reaproximam para entendimentos de significação histórica?

E' inadmissível que tão estranha anomalia, tão bizarra unilateralidade persista no sistema de relações exteriores do nosso país. Sentem-no homens de diferentes setores sociais e de diversas orientações ideológicas. O eminente homem público que é o sr. Osvaldo Aranha, cujo nome pronuncio com respeito e admiração, afirmou, com inteira propriedade, que a questão do reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética diz respeito, precisamente, ao papel de potência que o Brasil tem a desempenhar na vida internacional.

O Sr. Celso Brant — Estou ouvindo as observações de V. Exa, quanto ao reatamento das relações comerciais no Brasil com os países do leste europeu. Sobre isso, há dias, o novo Embaixador Cabot teve oportunidade de dizer algumas palavras à imprensa brasileira. Perguntando-lhe alguém como receberia a idéia do reatamento das relações comerciais do Brasil com a Rússia, disse que acharia isso muito bem para o Brasil; e indagado se os Estados Unidos veriam também com bons olhos o reconhecimento pelo Brasil da China Comunista, respondeu que isso decepcionaria os Estados Unidos. Acreditamos nos que estes são assuntos brasileiros e que devem ser tratados pelo nosso Governo. Este problema é que V. Exa. se refere, do reatamento das relações diplomáticas, representa um adendo à iniciativa do reatamento das relações comerciais. No caso específico da China, é realmente absurdo

numero avultadíssimo, cerca de seiscentos milhões de pessoas, que compõe a China. Ora, a China não é um país que se possa formar de um dia para o outro e modificar a sua posição com um pequeno deslocamento. A China é uma tradição, uma cultura, e essa tradição e essa cultura é que formaram uma organização política, hoje, que não satisfaz mais a determinados grupos que lideram, inclusive na Organização das Nações Unidas, o poder do voto, para ser útil a essas nações. Hoje, que a China tomou outro rumo, já a eles não interessa a sua existência. Passam, então, para uma China satélite, nominal, que de fato não existe senão para atender aos interesses políticos de nações que não querem o progresso das outras.

PALAVRAS E ATOS

O SR. LYCIO HAUER — Obrigado a V. Exa. pela valiosa contribuição. A respeito do que V. Exa. diz, quanto às palavras do Sr. Embaixador Moors Cabot, logo adiante farei referência.

Mas, dizia eu, Sr. Presidente, este papel não poderá ser desempenhado enquanto o nosso governo se negar ao contato normal com uma das duas maiores potências mundiais. Não basta proclamar que o nosso país não mais se conforma com a condição de retaguarda característica, de fundo coral. E' indispensável que os atos correspondam às palavras. O Sr. Presidente da República agiu com acerto patriótico, aplaudido por toda a nação, ao romper as negociações com o Fundo Monetário Internacional, rejeitando a sua descabida ingerência em assuntos de nossa soberania. Acredito que um apoio político ainda mais decidido e amplo terá o Presidente da República se der este passo reclamado por homens das mais diversas correntes políticas: o reatamento de relações com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e — acrescento — com a China Continental.

Constituí, sem dúvida, grave erro encavar esta questão sob o prisma do suposto dilema Estados Unidos-União Soviética. Tanto isto é verdade que o reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética é reivindicado por homens tão notoriamente vinculados ao chamado campo ocidental, como o Embaixador Assis Chateaubriand.

O Sr. Anísio Rocha — V. Exa. está fazendo justiça ao Sr. Assis Chateaubriand, Embaixador do Brasil na Grã-Bretanha, tão injustamente tachado neste País de vendido, de pessoa a serviço dos trustes americanos. O que vemos, porém, é Chateaubriand revelar-se um autêntico nacionalista, tendo coragem de manifestar-se a favor do reatamento de relações comerciais e políticas do Brasil com a União Soviética.

O SR. LYCIO HAUER — Muito obrigado. As palavras de V. Exa. vêm corroborar o que estou dizendo.

O reatamento de relações não envolve qualquer compromisso, qualquer tomada de posição, no terreno das diretrizes políticas fundamentais. Não se trata de ficar contra ou a favor desta ou daquela

(Continua na 8.ª pag.)

FUSÃO DF-RJ

Defender o princípio da autonomia

A imprensa e os meios políticos vêm dando grande destaque nos últimos dias, ao problema da fusão, num só Estado, do atual Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro, quando for consumada a mudança da Capital Federal para Brasília. De uma maneira geral, os que se têm manifestado, nesse debate, o têm feito favoravelmente ao projeto de fusão, argumentando, principalmente, que:

o Estado do Rio de Janeiro, compreendendo também a atual Capital da República, formaria — em força política, expressão econômica e eleitoral — ao lado de São Paulo, como a maior unidade da Federação;

o Estado do Guanabara, pelo contrário, formaria uma espécie de «cabeça sem corpo» pois toda a vida do carioca se acha na dependência dos bens e utilidades produzidos no Estado do Rio — em consequência, erguer uma barreira artificial entre os dois territórios seria encarecer e dificultar a vida tanto dos cariocas quanto dos fluminenses;

a fusão nada mais será que uma «re-união» entre os dois territórios, uma vez que a separação entre a cidade do Rio de Janeiro e o seu Estado nunca foi completada, legalmente, e sempre foi tida como provisória.

Em declarações à imprensa, o dirigente sindical dos metalúrgicos, Benedito Cerqueira, também forneceu um argumento que, do ponto-de-vista dos trabalhadores, favorece a fusão: ela viria dar mais força às organizações sindicais que, atualmente, agem separadamente em cada lado da Baía de Guanabara.

Contudo, a questão é ainda controversa, e os dirigentes sindicais estão alertando os trabalhadores para o debate que se trava em torno dela. Um dos inconvenientes mais graves da fusão, para os interesses dos trabalhadores, é de que ela poderá atentar contra o princípio da autonomia do Distrito Federal, servindo de pretexto aos que, ainda hoje, não se conformaram com a soberania das decisões do povo carioca.

CONDENAÇÃO À BOND & SHARE

Voto unânime da assembléia baiana

SALVADOR — (De Correspondente) — Apresentada pelo deputado Raimundo Reis, líder do PSD a Assembléia Legislativa da Bahia aprovou, por unanimidade, uma moção condenando a empresa exploração da CTEB subsidiária da Bond and Share e concessionária dos serviços de energia elétrica na Capital baiana.

Também a Câmara de Vereadores de Feira de Santana aprovou, por unanimidade, moção apresentada pelo vere-

de Humberto Mascarenhas, condenando a concessionária CEEB A Câmara Municipal e a Associação Comercial de Feira de Santana a solidariarem-se com o exultante juízo de censura das Indústrias da Bahia em estudo do contrato entre a Prefeitura e a CEEB que prevê a extinção de três de agosto, a fim de indicar soluções jurídicas para que as instalações de energia elétrica do Município revertam à propriedade da Prefeitura local.



Na Biblioteca Popular de Copacabana as crianças têm o seu recanto com livros e revistas selecionadas.

A Juventude De Hoje Será Mesmo Transviada?



Para D. Consuelo Chermont de Brito (à esquerda) a biblioteca é um prolongamento do lar. Diariamente os leitores (grandes e pequenos) vão à sua procura buscando uma informação ou um conselho

GENNYSON AZEVEDO

Ah, a juventude de hoje! Onde é que já se viu tanta falta de educação?

Os rapazes só pensam em lambretas, farras, scuba-livres e namoros licenciosos. As moças perderam o recato e o que se vê é, simplesmente, um escândalo: andam montadas nas garupas das lambretas, não dão mais satisfações aos pais. O respeito aos mais velhos desapareceu por completo. Que tempos!

Que tempos! Têm razão os saudosistas em repetir a expressão de sua angústia neste misto de impotência e perturbação. Inconscientemente, caracterizam um fato de suma importância: vivemos numa época diferente. A humanidade jamais conheceu mudanças tão radicais e rápidas.

A juventude de hoje não é pior nem melhor do que os moços de 1900. Antes, a mocidade de 1959 é vítima da acelerada mutação da estrutura social em nossos dias. O rádio, cinema, televisão e o jornalismo influem decisivamente no precoce despertar para a realidade ou para o desregramento sexual, ou ainda, para a deterioração do bom-gosto artístico e educação coletiva.

SEDE DE CONHECIMENTO

Condensar a mocidade em seu conjunto, por fatos reais, porém, praticados por uma minoria é inqualificável cegueira. Em nossos pais os jovens revelam uma sede de conhecimentos verdadeiramente insaciável. Preocupam-se o desenvolvimento industrial do Brasil, o intercâmbio artístico e cultural com o exterior, o movimento literário e teatral.

A imagem destes moços e moças, muito mais verdadeira do que a tão alardeada «juventude transviada», pode ser espelhada na afluência maciça aos vestibulares dos ginsios oficiais e cursos superiores. Para enfrentar o preço proibitivo dos livros, quer sejam romances ou publicações didáticas, recorrem às bibliotecas públicas que apresentam um movimento inusitado.

No Rio de Janeiro pode-se constatar este interesse crescente pelas coisas de cultura visitando-se uma biblioteca. Desde a majestosa Biblioteca Nacional, com seu magnífico acervo e espaçosas salas de leitura até a mais modesta biblioteca de bairro instalada pela municipalidade, o movimento cresce continuamente. Algumas já se tornaram instituições tradicionais como a biblioteca infantil Carlos Alberto ou a Castro Alves frequentada por estudantes que lá permanecem até às 10 da noite. A saída de livros aumenta diariamente, em

plam-se as preferências dos leitores, diversifica-se através de todas as camadas o público que as frequenta, variam as idades. Há, porém, um denominador comum identificando, dentro destas variações de preferência, idade e origem social, os usuários de uma biblioteca: o desejo de instruir-se, ampliando as fron-

teiras do conhecimento, através do livro.

A OUTRA COPACABANA

COPACABANA é citada todos os dias no noticiário dos jornais. Comenta-se a vida noturna com coquetéis elegantes e senhores perfumados. Noticia-se o fato policial, atropelamento ou prisão de marginais. Refere-se a algazarras dos lambretistas ou uma tentativa de «curra».

De tudo que se diz e escreve sobre o bairro das mais belas praias do Rio, dos arranha-céus, das boates e do comércio, existe muito de escândalo e de verdade. Em meio ao seu cosmopolitismo Copacabana tem também sua fisionomia própria e gente modesta, juventude sadia e até uma biblioteca municipal localizada ali no Lido. Desde manhã até às 9 da noite revesam-se as bibliotecárias no seu trabalho de organizar estantes e orientar leitores.

Das 8 Bibliotecas Populares criadas pela Prefeitura carioca e localizadas nos bairros de Copacabana, Campo Grande, Gávea, Méier, Botafogo, Penha, Rio Comprido e Irajá, a primeira possui o recorde absoluto com a média de 6.070 livros emprestados cada mês. Desde o início a população do bairro deu mostra de carinho e interesse traduzido no número sempre crescente de leitores, que hoje atinge cerca de 5.500 inscritos. Seu público é formado de pessoas tão diversas quanto se possa imaginar: estudantes, donas-de-casa, crianças, manueiras, militares, empregados, professores, empregadores de mercadorias, etc.

OS MAIORES PROPAGANDISTAS

D. Consuelo Chermont de Brito é quem dirige a Biblioteca Popular de Copacabana com serenidade e enorme carinho que transparece em cada uma de suas palavras e nos seus

planos. Para D. Consuelo tudo está no começo porque ela espera ampliar a influência da biblioteca, multiplicando as estantes cheias de livros, aumentando o salão de leitura para vê-lo repleto com o seu variado público.

Hoje temos cerca de 10.000 volumes, é D. Consuelo quem fala, apontando para uma pilha de livros, por catalogar, dos quais 7.500 foram doados pelos leitores e 2.500 adquiridos pela municipalidade. Diariamente chegam novas doações que aos poucos vão sendo selecionadas e classificadas. Os frequentadores são os maiores entusiastas e propagandistas da biblioteca.

COQUELUCHE

Somos procuradas a cada momento, em busca de uma orientação. As vezes são pais que desejam conhecer obras sobre a educação infantil, outras vezes são estrangeiros a quem auxiliamos na escolha de um autor nacional. Há as crianças fãs incondicionais de Monteiro Lobato (admiram, especialmente, a inteligência de Pedrinho e da Emilia) e de algumas revistas em quadrinhos por nós selecionadas. Entre os adultos Jorge Amado é a «coqueluche» do momento e só para ler «Gabriela, Cravo e Canela» há quase cem pessoas inscritas, esperando pacientemente sua vez. Machado de Assis é quem se segue na preferência geral.

DISCOTECA E AUDITÓRIO

No curso da palestra D. Consuelo exprime o seu grande sonho: construção de um pequeno auditório e de uma discoteca, que venham completar a obra cultural começada.

Muitos jovens não gostam de ler mas são sensíveis à música. Se pudéssemos proporcionar-lhes um local onde encontrassem seus discos prediletos também estariam se instruindo.

RADIO TV

O TEATRO DO MOINHO MOE TUDO!

A falta de gosto, de um critério ao menos defensável na escolha das peças, agravadas pelo primarismo das adaptações e a total ausência de sensibilidade e talento criador dos diretores — são características essenciais do Teatro dominical da TV. Vez por outra, acontece algo de menos ruim. Mas é tão raro, que não podemos atribuir senão ao acaso, esse acaso bem brasileiro, que faz, às vezes, com que audácia, capacidade de improvisação e falta de responsabilidade, reunidas, resultem, contra toda a lógica, num espetáculo apreciável. Mas, infelizmente, o programa do último domingo não estava entre essas gloriosas exceções. «Uma História de Amor», conto de Marta Wolff, adaptado ao vídeo e dirigido por Vitor Lima, não resiste à mais superficial e benevolente das análises. História boba, ao gosto das leitoras de fotonovelas, esperando-se a direção em acentuar seus pontos mais ridículos (a cena da separação, entre Cilo Costa e Auri Cahet, fazia rir um gato, que é o mais melodramaticamente romântico dos animais). A adaptação de Vitor Lima revelava uma surpreendente falta de recursos e senso de televisão. O processo de exposição que escolheu para a história, com aquela monótona intromissão de um narrador (Wellington Botelho) de instante a instante, é inadmissível até mesmo num principiante. Inor Ramos, na direção de TV, fez o que lhe era possível. Atuou com precisão nos cortes e compôs algumas imagens com certo gosto (exceto quando fazia questão de mostrar em «close» o perfil mussoliniano de Auri Cahet). Não vamos dissecar a interpretação. Seria sadismo. Diremos apenas que Cilo Costa estava, como sempre, monocórdico como um berimbau. Que Wellington Botelho não tem culpa se o lançam em papéis inadequados. Que Auri Cahet pareça uma boa moça, dessas que procuram fazer tudo da melhor maneira possível, para garantir o emprego e ajudar aos pais. E que Mario Lago compôs um tipo tão bom, tão plástico e estava num plano tão superior aos demais, que parecia ter fugido de outro estúdio.

O AMOR, VIRGULA, É SUA VIDA

Colocamos a vírgula acima, aproveitando os ensinamentos do eminente Professor Al Neto, que assim manda proceder para evitar cacófonos. Mas Ghilardi não é homem que se apavore com cacófonos. Nem mesmo com a contragênera banalidade do assunto que lhe puseram em mãos para realizar seu último programa da série «O Amor de Sua Vida»: o casal Franco Monteiro. É um produtor inteligente, honesto e não tem culpa de que na vida do ilustre casal não tenha acontecido coisa alguma. De qualquer maneira, esse é um programa que exalta sempre a solidariedade entre marido e mulher — merece, portanto, o nosso aplauso (ainda mesmo que, por vezes, essa solidariedade seja fictícia e sirva apenas de pretexto para anunciar sabonetes...)

INTIMIDADE

Walter Forster é um rapaz que mora longe, mas não é feio. Esta última qualidade não justifica, entretanto, que venha de São Paulo toda semana apresentar programas como esse «Intimidade» que o Canal 9, em sua completa desgovernança artística, nos impinge todas as quartas-feiras. Vir de tão longe para dizer tanta tolice. Francamente...

PERO VAZ

do. O auditório serviria para conferências e cursos. Assim cumpriríamos melhor nossa função educativa, substituindo as horas de ociosidade e subtraindo os jovens às más companhias.

Que belo sonho! É preciso que os senhores vereadores, o sr. Secretário de Educação e Cultura, o Prof. Maelcel Pinheiro (Diretor da Biblioteca Municipal), apoiem a ação educativa de D. Consuelo, dando-lhe os meios materiais para a construção de obra tão importante.

Outras informações nos foram prestadas, entre elas algumas curiosas. Por exemplo, depois dos livros de ficção, história e filosofia gozam da preferência dos adultos. O cinema desperta a atenção para os livros filmados — «Guerra e Paz» já tem uma fila de leitores à espera e

Françoise Sagan ficou em evidência quando os cinemas exibiram «Bom Dia Tristeza» e «Um Certo Sorriso».

ESCRITOR D'Amélie escreveu certa vez — «O destino de muitos homens dependeu de ter havido ou não ter havido uma biblioteca na sua casa paterna». O sentido destas palavras são mais nítido se pensarmos na juventude, dita «transviada». Se quisermos ampliar os efeitos nocivos decorrentes das transformações econômicas e sociais da atualidade é tempo de seguir o conselho do poeta Castro Alves:

«Oh! Bendito o que semeia Livros... livros à mão cheia. E manda o povo pensar! O livro, caindo na alma, É germe, que faz a palavra, E chuva, que faz o mar...»

IMPUNIDADE

Desde que cheguei a esta cidade — e não faz pouco tempo — ouço falar muito mal do internamento de menores às expensas da Prefeitura. Já houve denúncias de fatos graves envolvendo pessoas ditas importantes, acusações, inquéritos e, ultimamente, socos, pontapés e desmaios. Por trás desse tempo, dos escândalos e até do ridículo, o que vamos encontrar, comovendo e envergonhando, é o abandono e a miséria de centenas de crianças. Fotografias publicadas em matutino desta Capital, no primeiro domingo de agosto, mostram um pedaço desse abandono e dessa miséria: crianças seminus, dormindo no chão de um quarto sanitário.

Não é possível louvar a Prefeitura pelo diábrico que dá uma instituição, «Casa de Lucia», para maltratar crianças. Mas não é, apenas, aquela instituição a beneficiada por verbas municipais. Contra o «Instituto Padre Antonio Vieira», onde crianças de cinco anos eram espancadas com fio elétrico, foi aberto, simplesmente, um inquérito, cujos resultados o povo ainda não soube. E nos outros estabelecimentos custeados pela PDE, como são tratadas as crianças?

Mesmo diante das fotografias estampadas, ainda se fala em apurar responsabilidades... Mas apurar o quê, se jornalistas e o próprio Curador de Menores testemunharam o crime? Se à ocasião da primeira denúncia contra os que vivem da miséria das crianças, e até ficam ricos, os responsáveis tivessem sido punidos, sem consideração e sem misericórdia, hoje, ninguém teria coragem, como fez D. Rosa Leonil, de amontoar, no chão húmido de banheiros sujos, quase duas dezenas de crianças, como uma ninhada de cães recém-nascidos. O que D. Rosa queria era sair daquela casa para a cadeia, mas, cotadinha, continua no mesmo local, porque não tem onde morar! Quem está protegendo D. Rosa? Quem lhe arranjou a verba? E as crianças que conseguem escapar das prisões municipais, do ódio de D. Rosa e de seus parceiros, são presas aos magotes, sob a pecha de vadias, como se a liberdade tivesse sido concebida, amada e conquistada, apenas, para os algozes da infância. Não lhes dão escola, nem ocupação, nem carinho e ainda as castigam.

O Brasil, na Comissão de Direitos do Homem da ONU, aprovou uma Declaração de Direitos da Criança, cujo artigo 5.º diz assim: «direito a uma atmosfera de afecção e de segurança moral e material». Mas de que vale isso, se em vez de ajudadas e cuidadas, as crianças são maltratadas e punidas?

ANA MONTENEGRO



Que livro vou ler? Se o problema é este as jovens bibliotecárias resolvem-no em poucos segundos. Ganja e solicita, atendem a todas com presteza.

1) — Em 14 de junho passado, auspiciada pela União Patriótica Dominicana, Frente Unida Dominicana de Nova Iorque, Frente Unida Dominicana de P. Rico, Frente Democrática Independente Dominicana da Venezuela, e pelo Partido Socialista Popular Dominicano, organizações que integram o Movimento de Libertação Dominicana, teve início na República Dominicana a luta armada contra a tirania de Trujillo.

2) — Ao participar deste Movimento, o Partido Socialista Popular Dominicano baseou-se nas seguintes considerações:

a) — O crescimento do movimento revolucionário e democrático dos povos da América Latina contra a tirania, a opressão política, o atraso econômico e a exploração e dominação imperialistas. A visita do vice-presidente Nixon trouxe à tona os profundos sentimentos de protesto contra a estrangulação econômica e a subordinação política, que constituem o método de opressão imperialista dos grandes monopólios financeiros de Wall Street. Estes e outros fatos posteriores entre os quais é mister ponderar devidamente a atitude de enérgica defesa de sua soberania por parte do povo da Venezuela e a profunda significação da revolução cubana, determinam uma mudança substancial no quadro político e na situação histórica da parte latino-americana do hemisfério;

b) — Este auge da luta dos povos, que se desenvolve igualmente ante a atenção do povo dominicano, repercutiu em cheio principalmente com a chegada dos tiranos em fuga da Argentina, Colômbia, Venezuela e Cuba, e que tornavam evidente, de um lado a identificação da tirania dominicana com a reação continental, e de outro o fato de que havia soado a hora da luta dos povos contra os seus tradicionais opressores e tiranos.

Junto a esses fatos, a revolução cubana pôs em relevo a eficácia da luta de guerrilhas contra os exércitos das tiranias. Demonstrou que, tendo como centro a sua ação se pode desenvolver a múltipla atividade do povo dando-lhe um caráter de luta de massas capaz de quebrar o aparelho de repressão e de terror.

A existência em São Domingos de uma situação de perseguição policial, de rígida e sangüinária censura, sem paralelo, tornaram de todo impossível ao povo dominicano incorporar-se pacificamente às correntes populares que agitam o Continente, e tomar o seu próprio caminho. Tais fatos, porém, não podem conduzir ninguém à con-

CONTINUAM AS GUERRILHAS CONTRA O TIRANO TRUJILLO

N. DA R. — Reproduzimos a seguir, pela sua oportunidade, o resumo de uma declaração do Partido Socialista Popular da República Dominicana sobre a situação naquele país.

elusão de que o povo dominicano está colocado à margem das leis históricas e que permanece insensível às transformações que favorecem a sua marcha para a liberdade e o progresso.

c) — Considerando tais problemas, nosso Partido, sem perder de vista as peculiaridades de todo o gênero da situação dominicana, e sem vincular-se mecânica-mente às experiências de Cuba, deliberou participar unitariamente, com as organizações já mencionadas, de uma ação armada contra a tirania.

PERSPECTIVAS DA LUTA ARMADA

Julgamos que, dentro de condições determinadas pelas modificações na correlação de forças políticas no Continente, a ação armada apresenta perspectivas favoráveis e que era correta a utilização de uma forma de luta tendente a promover a mobilização das massas populares.

3) — Depois de seis semanas de luta armada, causando mais de 400 baixas ao exército trujillista, existem dois focos rebeldes no país: um nas montanhas que rodeiam Constanza, e outro na Cordilheira Setentrional, na Província de Puerto Plata. A despeito do esmagador poderio militar utilizado pela tirania, dos brutais bombardeios das zonas campesinas, a despeito do terror sangüinário, os rebeldes não puderam ser esmagados. Repetidas vezes a tirania chegou a anunciar o fim da luta armada, e viu-se obrigada depois a confessar que existem ainda bandoleiros nas montanhas.

As forças rebeldes sofreram também muitas baixas, especialmente em Maimon, onde, pouco depois de desembarcar tiveram um encontro em condições desfavoráveis. Todavia, alguns rebeldes desse setor lograram alcançar as montanhas, onde realizam atividades de guerrilhas.

A SOLIDARIEDADE É NECESSÁRIA

Os grupos rebeldes não podem ser abandonados à sua sorte. É necessário acu-

dir rapidamente em seu auxílio, prestando-lhes a colaboração de que necessitam em sua luta de libertação.

Se Trujillo utiliza mercenários espanhóis e criminosos de guerra cubanos para combater os rebeldes, o MLD tem o direito e o dever de aceitar a ajuda que lhe oferecem milhares de voluntários de diversos países latino-americanos.

4) — Ao iniciar-se a ação armada, a tirania desencadeou uma brutal onda de terror. Somente na capital foram presas cerca de 500 pessoas na madrugada de 15 de junho. Os engenhos de açúcar foram ocupados militarmente para impedir a mobilização dos trabalhadores. O estado de sítio foi estabelecido nas principais cidades, registrando-se invasões e tropelias, a altas horas da noite, especialmente em Santiago, La Vega, Moca e Puerto Plata.

REDUZEM-SE AS BASES POLÍTICAS DO TIRANO

5) — O regime trujillista começa a desagregar-se. Dois altos funcionários diplomáticos renunciaram a seus postos no exterior em sinal de protesto contra os crimes trujillistas. Em consequência do assassinio de seu filho, membro do Exército de Libertação Dominicana, um senador apresentou a sua renúncia. Um grupo de funcionários — ao qual pertencia o Secretário do Trabalho, Ramón Marrero Arísty, por esse motivo assassinado — procura uma solução trujillista sem Trujillo através de um conchavo com a Embaixada Americana.

TÁTICAS DO INIMIGO

6) — O imperialismo norte-americano intervém ativamente na situação política dominicana. De um lado prepara um golpe de mão para o caso que se consolide e se desenvolva o movimento revolucionário, com o propósito de frustrar as transformações democráticas em nosso país. De outro, pretende dividir as forças antifrujillistas sob o pretexto anticomunista.

Acusa-se de comunistas o Movimento de Libertação Dominicana; pressiona-se através do Departamento de Estado norte-americano com o objetivo de obter o pronunciamento anti-comunistas, visando dividir e debilitar aos que combatemos a tirania. As vezes com afagos, outras sob ameaças, os imperialistas norte-americanos, amigos de Trujillo, desenvolvem intolerável intromissão em questões que dizem respeito exclusivamente aos dominicanos.



O anticomunismo é a política de Trujillo, de Somoza, de todos os tiranos e inimigos da democracia. O dilema de nosso povo não é comunismo ou anticomunismo, mas democracia ou despotismo, direitos humanos ou terror sangüinário. Ninguém pode equivocar-se a este respeito. O dever de todos os verdadeiros patriotas, de todos os democratas é marchar unidos na luta pela derrocada da tirania e de sua política de opressão e de miséria.

Concluindo, diz o documento:

Foi fixada para meados de agosto a celebração em Santiago do Chile de uma Conferência dos Chanceleres da América Latina para estudar as causas da tensão nas Caraíbas.

A acusação trujillista perante a OEA foi esmagadoramente derrotada, contando, apenas, com os votos favoráveis da Haiti e dos Estados Unidos. O resultado dessa votação representou um triunfo do latino-americanismo revolucionário sobre o pan-americanismo oficialista, um triunfo da democracia sobre a tirania.

Para frustrar as aspirações de liberdade e independência da América Latina, para ajudar Trujillo, para agredir aos governos democráticos e, de modo particular a revolução cubana, os Estados Unidos fizeram convocar a Conferência dos Chanceleres. Crêem que lhes será possível deter a vaga democrática em ascensão em todo o Continente, apelando para o desacreditado pretexto da inexistente ameaça comunista.

Nosso Partido conclama aos companheiros do MLD, aos antifrujillistas, sem exceções, a todos os inimigos do despotismo, a exigir da OEA que se mantenha à margem da luta armada que travamos, nós os dominicanos.

O POVO ARGELINO DERROTARÁ TÔDAS AS MANOBRAS INIMIGAS

I. A.

(Do Boletim "Informações-Argelinas", editado pela delegação exterior do PC da Argélia — N.º 15, junho-julho de 1959)

A obstinação do governo de De Gaulle em recusar negociações com o governo provisório da República da Argélia, visando uma solução pacífica do conflito franco-argelino, explica-se sobretudo por sua esperança insensata de impor ao nosso povo uma "solução militar", isto é, uma capitulação, após o esmagamento de sua valerosa A.L.N. Ora, há cerca de cinco anos esta política sofreu um malogro com a resistência heroica de nosso povo.

A "Revista Defesa Nacional" dos meses de maio último, revista oficial francesa, é obrigada a reconhecer que "importantes áreas do território argelino não são controladas pelas autoridades francesas". Depois, particularmente durante as últimas semanas de julho, a guerra intensificou-se de maneira singular. Os comunicados militares do Estado-Maior francês anunciam numerosos e violentos combates em todo o território argelino, a Leste como a Oeste, no Centro como no Sul. As embaixadas armadas pela A.L.N., o assédio de postos militares inimigos, inclusive em vilas e subúrbios de cidades, os choques com unidades do exército francês multiplicam-se e são sustentados através de inúmeras ações, tais como atos de sabotagem, novas vias de comunicações, em centrais elétricas, em empresas coloniais, atentados contra personalidades ou agentes coloniais, execuções de espões e traidores, manifestações de rita promovidas por jovens, greves em ginásios, etc.

Tentando quebrar esta crescente resistência de nosso povo o governo francês intensifica uma guerra cada dia mais barba, não poupando nem velhos, nem mulheres, nem crianças. Mas há cinco anos de guerra lhe

mostraram claramente que nenhuma força militar, nenhuma política de violência poderá por fim à luta heroica de todo um povo. Daí lançar-se a uma intensa atividade diplomática visando isolar nosso povo das forças progressistas de todo o mundo. As tentativas e as chantagens do Primeiro-Ministro francês em relação a certos países ocidentais, objetiva, com efeito, não somente exercer pressão sobre estes últimos para impedir os argelinos de adquirir certos produtos naqueles países, como também apoiar mais abertamente a guerra colonial da França na Argélia.

Em suas tentativas de isolar nosso povo, e seu governo, De Gaulle concede grande atenção aos países da Ásia e África, especialmente aos países árabes. Não constitui segredo para ninguém que ele sonha estabelecer "relações amistosas" com a Tunísia, o Marrocos e a RAU, na medida em que os dirigentes desses países o ajudem a restaurar a paz na Argélia de acordo com os interesses dos monopólios franceses.

Tendo em consideração as esperanças dos imperialistas franceses, o próximo encontro de De Gaulle-Mohamed V reveste-se de grande importância para nosso povo. É possível que o chefe do Estado francês tente ganhar o apoio do Marrocos para seu ponto-de-vista. Esperamos que este último seja compreendido a seu inteiro valor e que a paz na Argélia é inconcebível sem o reconhecimento do direito do povo argelino a sua independência nacional. Como escrevia há pouco no jornal "Al-Jerid" o Secretário do Partido Comunista marroquino, candidato Ali Istia, "esperamos que o Marrocos não se permita a nenhuma manobra contra sua

traz à Argélia unificada, manobra que, em última análise, se dirigiria contra ele próprio e seu futuro".

É o melhor meio de desbaratar todas as manobras e confirmar as resoluções da Conferência de Tânger, não compactuar com os governantes franceses, enquanto o problema argelino não for resolvido através de negociações com o governo provisório da República argelina. Os interesses de nossos 3 povos exigem a imediata aplicação das resoluções da Conferência de Tânger, objetivando acelerar a unidade do Magrebe, o triunfo decisivo nas negociações com todos os países estrangeiros.

Nosso povo não cessa de manifestar sua vontade de paz. Mas ele sabe que uma paz verdadeira é incompatível com a manutenção do domínio colonial. Eis por que, mais que no passado, nosso governo provisório tem o dever de dar prova de grande vigilância, a fim de desbaratar todas as manobras do inimigo. Hoje, mais que ontem, é importante fazer o possível para reforçar a união e a luta de nosso povo, elevar necessariamente o nível político das massas populares, dotar a A.L.N. de todos os meios que lhe permitam levar a cabo sua gloriosa missão e despertar em todo o mundo uma solidariedade moral e material crescentes para com o nosso povo.

Por via vez o Partido Comunista argelino está mais do que nunca decidido a desenvolver intensamente a atividade política na Argélia, a fim de garantir a independência de nosso povo a todo o custo, e lutar contra todas as manobras do inimigo.



FESTIVAL CINEMATOGRAFICO EM MOSCOU

A 3 de agosto inaugurou-se em Moscou o primeiro festival internacional de filmes que se realiza na URSS. O ato realizou-se no Palácio do Esporte, na Capital soviética, contando com a presença do Ministro da Cultura da URSS, Mikhaïlov, que leu uma mensagem de Kruschiov dirigida aos participantes do Festival. Na foto (TASS), a notável atriz francesa Nicole Courcel, o produtor Tusherer e o ator soviético Oleg Strizhev durante o festival cinematográfico.

SEM RELAÇÕES COM A URSS

(Continuação da 6ª página) potência, mas única e exclusivamente de ficar a favor do Brasil. O interesse do Brasil é que se encontra em jogo e em função deste interesse é que deve ser normalizada a situação de nossa pátria na vida internacional.

Partindo deste ponto-de-vista positivo, é fácil perceber que o retamento não significa outra coisa senão a afirmação de uma política exterior independente, que deve corresponder a um país com o potencial econômico, demográfico e territorial que caracteriza o Brasil. Trata-se de desempenhar um papel à altura do que já somos e que nos permita contribuir, ativamente, ao lado de outros povos, para o alívio da tensão internacional e em consequência, para a causa da paz mundial.

Trata-se, em suma, de uma questão brasileira que deve ser resolvida de um ponto-de-vista brasileiro, a favor do Brasil. Por isto mesmo não podemos deixar de protestar contra declarações do Embaixador norte-americano Moore Cabot na sua primeira entrevista à nossa imprensa. Eis suas palavras, segundo a versão do "Correio da Manhã" de 5 do corrente:

"O retamento das relações do Brasil com a Rússia é um problema de exclusiva responsabilidade do Brasil. Os Estados Unidos não interferirão absolutamente. O Brasil, por-

em, deve pesar as consequências a levar em conta, por exemplo o que ocorre com os Estados Unidos neste campo".
O Sr. Moore Cabot e Embaixador dos Estados Unidos e não Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Não lhe cabe advertir-nos sobre questões de atos que dizem respeito exclusivamente à nossa soberania. Afirmando que não interferirá — o que não seria favor especial, mas dever elementar — o Embaixador norte-americano na verdade interfere, num tom injurioso e ameaça, que só nos cumpre repudiar veementemente.

Concluiremos no próximo número a publicação do discurso do deputado Lycio Hauer.

CINQUENTENÁRIO DO «MATERIALISMO E EMPIRIOCRITICISMO»

A Vida Enriqueceu e Comprovou As Teses Geniais De Lenin

A propósito do quinquagésimo aniversário do lançamento da obra "Materialismo e empiriocriticismo" de Lenin, a revista soviética "Kommunist", em seu número de junho último, publicou um substancioso editorial, de cujo texto transcreveremos, a seguir, alguns trechos principais.

Há cinquenta anos, em maio de 1805, viu a luz o trabalho filosófico de Vladimir Lenin «Materialismo e empiriocriticismo». Nesta magna produção de nossa época, Lenin defende e desenvolve, de maneira genial, a filosofia do marxismo; argumenta circunstanciadamente com o princípio de partido na filosofia e sintética, sob o ângulo do materialismo dialético, as descobertas mais notáveis das ciências naturais nos fins do Século XIX, e começa do XX.

Surgiu esta obra insigne do marxismo criador no momento em que os teóricos da II Internacional, afundados no oportunismo, voltavam as costas à filosofia marxista. Deixando de lado o fato irrefutável de que a filosofia tem sido sempre um poderoso fator ideológico na luta das forças sociais, e sem compreender o nexo indissolúvel entre a filosofia do marxismo e sua doutrina social-econômica, não quiseram eles reconhecer que só o materialismo dialético liberta a classe operária da vassalagem espiritual da burguesia e fornece aos trabalhadores a única concepção científica sem a qual é impossível um vasto movimento operário internacional. Eram necessários o gênio e a elevação de princípios de Lenin para, em meio a uma violenta campanha contra a filosofia marxista — a que empreendiam os filósofos burgueses e seus epígonos revisionistas — revalidar plenamente a filosofia marxista, que brindou a humanidade e, em particular, a classe trabalhadora, com um instrumento poderoso para o conhecimento e a transformação da realidade.

Em sua crítica da filosofia burguesa e do revisionismo, V. Lenin parte do problema básico de toda filosofia: a relação do pensamento com a existência. «Entre o montuho de novos subterfúgios terminológicos, no espesso matagal escolástico, — escreveu Lenin — encontramos sempre, invariavelmente, duas linhas fundamentais, duas direções principais na decisão das questões filosóficas. Ou bem tomam como primário a natureza, a matéria, o físico, o mundo ex-

terior, e consideram como secundário a consciência, o espírito, a sensação (a experiência, segundo a terminologia «difundida» em nosso tempo), o psíquico, etc., ou bem o contrário; tal é a questão fundamental que «de fato, continua dividindo os filósofos em dois grandes campos». Estes dois grandes campos são: materialismo, que parte do reconhecimento — o único acertado, de que o primário é a natureza, a matéria, e o secundário, é a consciência; e o idealismo, que, seguindo a religião, proclama como primário a consciência e o espírito.

A focalização marxista-leninista das teorias filosóficas, situando no centro de gravidade o problema básico da filosofia, é o fio condutor da moderna luta ideológica. Permite, também hoje, por trás dos rótulos em moda da filosofia burguesa do gênero do instrumentalismo, do existencialismo, do personalismo, e tantos outros «ismos», ver o essencial: a contradição radical entre todas essas correntes idealistas e o materialismo dialético. E, por muito que debatem os filósofos revisionistas sobre a «castração» do antagonismo entre o materialismo e o idealismo, sobre o «caráter mecânico» da contraposição da matéria e da consciência, o problema da relação entre a matéria e a consciência foi, e será a pedra-de-toque de toda filosofia.

Em oposição aos seletivos, que pretendiam conciliar o materialismo com o idealismo, V. Lenin prosseguiu «a grande e a mais valiosa tradição de seus mestres»: Marx e Engels. O «Materialismo e empiriocriticismo» concede um lugar proeminente ao desenvolvimento da teoria do conhecimento do materialismo dialético, analisando profundamente a dialética do processo do saber, a doutrina da verdade objetiva, absoluta e relativa e a função da prática nesse processo. A solução materialista do problema fundamental da filosofia — a teoria materialista do conhecimento — se baseia nos resultados da prática multissecular de milhões de

homens. A prática perene e renovada, a experiência pessoal de ingentes multidões vai formando nelas, dia a dia, uma idéia realista ingênua do mundo, a convicção espontânea de que a natureza, as coisas e os fenômenos existem fora e independentemente de nós mesmos, fora da consciência. E precisamente esta convicção de milhões de homens, assinala Lenin, a que o materialismo dialético adota conscientemente como base, elaborando-a cientificamente, desenvolvendo-a e convertendo-a, do ponto-de-vista do materialismo espontâneo, na teoria científica do conhecimento do materialismo filosófico. Em outras palavras: não é a filosofia a que impõe o materialismo à multidão, de práticas, e sim o contrário, que a prática destes é a que engendra nêles a certeza da materialidade do mundo, na existência do mundo independentemente da consciência.

Nos cinquenta anos transcorridos desde que apareceu o «Materialismo e empiriocriticismo» o mundo experimentou profundas mutações. A partir da grande revolução socialista de Outubro, empreenderam o caminho do socialismo uma série de países que integram hoje o campo socialista mundial. Contraposto ao campo do capitalismo. Essas mudanças revolucionárias se verificaram sob a bandeira do marxismo-leninismo, patenteando brilhantemente a justiça das idéias marxistas. O mundo se desenvolve na direção prevista pelo materialismo dialético e histórico.

A luta das duas forças fundamentais — o socialismo e o capitalismo — satura a história contemporânea, e, conseqüentemente, a luta das duas concepções principais, proletária e burguesa, caracteriza a vida ideológica moderna. A crescente atração das massas pelo marxismo, pelo materialismo dialético, leva a lutar contra êle todos os paladinos e turiferários do mundo caduco. Cada vez que a história pronuncia seu mortal veredito contra uma classe exploradora, os ideólogos desta começam a andar para trás, convertendo-se em tristes escudeiros e zeladores do obscurantismo e da reação.

A diferença qualitativa da filosofia marxista com respeito às demais doutrinas filosóficas, sua intransigência diante delas, não apenas derivam de seu conteúdo teórico, como estão também socialmente condicionadas. Se, com ra-

ras exceções, toda a antiga e moderna filosofia burguesa foi e é a filosofia das classes no poder, exploradoras, e reflete seus interesses, a filosofia marxista é a filosofia da classe mais avançada e revolucionária da sociedade: o proletariado. «Do mesmo modo que a filosofia encontra no proletariado seu instrumento «material», escrevia Marx, o proletariado encontra na filosofia seu instrumento «espiritual».

Vladimir Lenin não deixou de assinalar o caráter de classe da filosofia marxista, ressaltando que todo afastamento de seus postulados significa atração a causa da classe operária. O fato de que a filosofia marxista intervém como filosofia dos trabalhadores determina seu caráter combativo, notoriamente partidista. A diferença do objetivismo, do pretendido suprapartidismo da filosofia burguesa (moderna), o materialismo dialético, e histórico é uma filosofia partidista declarada. Não tem porque ocultar suas finalidades, proclama sem hesitações que está a serviço da classe operária, das massas trabalhadoras.

A classe operária é uma classe cujos interesses fundamentais coincidem com os interesses de todos os trabalhadores, das amplas massas populares, e se ajustam plenamente ao desenvolvimento objetivo da história. Por isso a filosofia marxista-leninista não está marcada por limitação classista, sendo a única concepção realmente científica. Não trata de impor ao mundo leis inventadas, e sim o contrário, descobre as leis objetivas do desenvolvimento deste mundo, fazendo possível a previsão científica, necessária para a luta revolucionária dos trabalhadores, para a atividade prática e o conhecimento. A filosofia do marxismo não é a ciência das ciências em relação ao saber concreto; como análogo da realidade, fornece a concepção científica e metodológica para a investigação concreta.

O vínculo orgânico com as ciências naturais, com as ciências parciais — que impregna toda a obra de Lenin «Materialismo e empiriocriticismo» — é um traço importantíssimo da filosofia marxista-leninista. O marxismo e a ciência vão ligados entre si, condicionando-se mutuamente. As ciências naturais, com suas descobertas, enriquecem o materialismo, brindando-o com novas teses, reafirmando mais profundamente com novos dados a sua justeza.

Por sua vez, as grandes realizações das ciências naturais têm sido possíveis porque os naturalistas, de modo consciente ou espontâneo, nos limites de seu terreno científico, procederam como materialistas. Pois, cada ciência real sustenta, com uma premissa consciente ou inconsciente, sua tese materialista sobre o desenvolvimento independente do mundo exterior conforme as suas próprias leis, que são as leis que a ciência investiga. Sem êsse reconhecimento da existência independente do mundo exterior, que exclui as forças sobrenaturais, não pode haver ciência, esta perde toda finalidade e sentido.

No «Materialismo e empiriocriticismo» V. Lenin demonstra que, já nas condições da sociedade burguesa, as ciências naturais deram o primeiro passo do materialismo metafísico ao dialético. E observa que a ciência, na sociedade burguesa, amarela rumo ao único método justo e a única filosofia justa das ciências naturais, não diretamente, mas em zigzag, não de modo consciente, mas espontâneo, não vendo com clareza seu «objetivo final», mas aproximando-se dele às cegas, levando tombos, e às vezes recuando. Os cinquenta anos transcorridos desde então, provaram a justiça desta característica, dada por Lenin à aproximação entre as ciências naturais e o materialismo dialético na sociedade burguesa. Numerosas naturalistas do Século XX, tendo sido por algum tempo vítimas de tal ou qual exceção em moda da filosofia burguesa, tiveram finalmente que tomar o caminho da luta contra o idealismo. São conhecidas as manifestações contra o idealismo do eminente físico Max Planck; nos últimos dias de sua vida separou-se da escola «machista» um renovador tão ilustre das ciências naturais como Albert Einstein; aproximou-se do materialismo um dos fundadores da mecânica dos «quanta», Louis de Broglie, Fiseram partidários conscientes do materialismo dialético Timiriazov, Langevin, Juliot-Curie, Vavilov, Bernal e muitos outros.

Por muito que se empenhem os idealistas em pôr a serviço do idealismo e da religião as conquistas das modernas ciências naturais, a vida testemunha que a única filosofia acertada das ciências naturais, como dizia V. Lenin, é o materialismo dialético.

Teoria e prática

SÔBRE O SUBJETIVISMO



«No exame de qualquer questão, não se pode tolerar subjetivismo, exame unilateral e superficial. O subjetivismo é a incapacidade de encarar uma questão objetivamente, isto é, de forma materialista, conforme já o referi em «Sôbre a prática». O exame unilateral exprime-se na incapacidade de encarar a questão sob todos os ângulos, em compreender um só dos contrários; por exemplo, quando as pessoas só compreendem a China e não o Japão, o Partido Comunista e não o Kuomintang, o proletariado e não a burguesia, o campesinato e não os grandes proprietários de terra, quando só vêem claro numa situação favorável e não numa situação difícil, quando só compreendem o passado e não o futuro, só o particular e não o conjunto, só os defeitos e não os avanços, só o atacante e não o defensor, só o trabalho revolucionário ilegal e não o trabalho revolucionário legal, etc., em uma palavra, quando as pessoas não compreendem as particularidades dos diferentes aspectos das contradições. Isto quer dizer também não ver a questão sob um só ângulo, ou antes, não ver o todo por trás da parte, a floresta por trás das árvores. Com tal método é impossível achar a solução das contradições, é impossível atingir objetivos revolucionários, é impossível desincumbir-se da tarefa recebida, é impossível dar o desenvolvimento conveniente à luta das opiniões no Partido.

O caráter superficial reside no fato de que as pessoas não levam em conta nem particularidades da contradição em seu conjunto, nem particularidades de seus diferentes aspectos, em que negam a necessidade de penetrar no mais profundo da natureza das coisas e estudar minuciosamente as particularidades da contradição, em que fazem suas observações de um pósto afastado qualquer, levantam muito aproximativamente os traços gerais da contradição e tentam imediatamente resolvê-la (respondem às perguntas, resolvem as desavenças, fazem o trabalho, dirigem as operações militares). Esta maneira de agir implica sempre em tristes conseqüências.

Se nossos camaradas que sofrem de dogmatismo e de empirismo cometem erros, a causa disto está em sua maneira subjetiva, unilateral e superficial de encarar as coisas. Encarar as coisas sob um só ângulo e superficialmente é também subjetivismo. Em vista de que todas as coisas existentes objetivamente na realidade são ligadas entre si e obedecem a leis internas, as pessoas que em lugar de refletir nisto convenientemente, consideram os fenômenos sob um só ângulo ou superficialmente e não aprendem a conhecer sua relação mútua e suas leis internas, estas pessoas têm uma atitude subjetiva.

Não devemos somente estudar as particularidades do movimento das contradições no movimento geral do desenvolvimento dos fenômenos, em sua relação mútua e levando em conta a posição de cada um de seus aspectos, as diferentes etapas deste processo de desenvolvimento têm também suas particularidades que é preciso não perder de vista». (MAO TSE-TUNG: «Sôbre a contradição»).

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

XXV)

Amadurece a Crise Revolucionária na França

Logo às primeiras ações militares ficou claro que o Império francês não está, va preparado para a guerra. Era profundo o abismo entre as massas operárias e camponesas e o governo, a guerra era impopular, o exército estava mal equipado e mal adestrado. A ofensiva inicial das tropas francesas agressoras, em seguida a pesados reveses, converteu-se em retirada para o interior da França. Nos últimos dias de agosto de 1870, uma parte considerável do exército viu-se sitiada pelos alemães, na fortaleza de Metz, enquanto outra, mais importante ainda, comandada pelo general Mac Mahon e por Napoleão III em pessoa, era igualmente sitiada perto de Sedan, pelo marechal-de-campo prussiano Von Moltke. A 1.ª e 2 de setembro feriu-se a sangrenta batalha de Sedan, que decidiu do destino militar da guerra: as tropas alemãs, vitoriosas, prenderam 86.000 soldados, 650 canhões, 39 generais e... o próprio Napoleão, o Pequeno.

ta por Marx na Proclamação de 23 de julho da Internacional: qualquer que fosse o desfecho da guerra, um de seus resultados seria o enterro do Império de Napoleão III.

A burguesia francesa, aproveitando-se da falta de capacidade das massas trabalhadoras para tomarem o poder, organizou logo um governo provisório, que a si mesmo se cognominou de «Governo da Defesa Nacional», encabeçado pelo arquireacionário general Trochu, comandante da guarnição de Paris e mal disfarçado partidário da monarquia.

A guerra continuou. A 9 de setembro, o Conselho Geral da I Internacional lançou sua segunda proclamação aos operários, também elaborada por Marx, e na qual se mostrava que, tombado o Império na França, a guerra, para a Alemanha, deixara de ser defensiva e se converteu em guerra de conquista contra o povo francês. A tarefa dos operários alemães era iniciar uma potente luta, como classe, para obrigar o governo prussiano a assinar uma paz justa com a república francesa. Quanto aos operários franceses, Marx explicava que a república de 4 de setembro não era deles, mas de seus inimigos,

que o novo governo não era de «defesa nacional», mas de «tração nacional», pois temia mais o proletariado francês que o exército prussiano, tratava não da defesa nacional mas de deter o movimento operário mesmo à custa da entrega do país ao domínio da Prússia Imperial. A tarefa dos operários franceses consistia em conquistar sua própria república, — uma república dos trabalhadores, — e, ao mesmo tempo, em defender a pátria, junto com o resto do povo, contra os planos de dominação prussianos. O proletariado francês via-se numa situação difícil para cumprir essa tarefa: Marx mostrava que, com as tropas de Bismarck às portas de Paris, seria uma loucura para os operários, não suficientemente organizados, levantarem-se para a tomada do poder. O que podiam e deviam fazer era lutar em defesa da pátria ao mesmo tempo que se organizassem a si próprios, utilizando a fundo as liberdades republicanas já conseguidas. Era êsse o caminho que lhes permitiria chegar a voltar, com êxito os canhões que tinham nas mãos contra a burguesia traidora da França e instaurar a república proletária.

A 18 de setembro as tro-

pas prussianas fecharam o cerco sobre Paris. O povo, os trabalhadores parisienses, tomados de ardor patriótico, dispuseram-se nos primeiros dias a apoiar o governo para reagir. Mas o governo não queria saber disso, tremia ante os operários, artesãos e pequeno-burgueses, armados, dos batalhões da guarda nacional, tratava era de como melhor dispersar êsses batalhões para mais facilmente serem esmagados pelas tropas alemãs. Em Paris começou logo o desemprego, a falta de carvão e lenha, a escassez de alimentos, o aumento dos preços dos gêneros. A população operária, os pobres de Paris viram-se na contingência de comer carne de gato, de cachorro e até de rato. Enquanto os trabalhadores passavam fome, a burguesia, com a cumplicidade do governo de Trochu, se enriquecia especulando com os alimentos. O chefe revolucionário Blanqui, que de início também se iludira com a possibilidade de apoiar-se o governo para a defesa, logo viu que isso era um erro e passou a denunciar o que realmente estava acontecendo. Escreveu em seu jornal, «A Pátria em perigo», que por todos os lados só havia prussianos: «prussianos internos» e prus-

sianos externos». E acrescentava: «Financistas, proprietários, comerciantes, senhores do dinheiro, — ê são eles que o Governo da Defesa Nacional confia».

A 27 de outubro, o exército de 200.000 homens havia meses sitiado em Metz rendeu-se às forças prussianas. Os batalhões da guarda nacional em Paris revoltaram-se ao

tomar conhecimento desse novo desastre e puseram abaixo, a 31 de outubro, o governo reacionário e traidor de Trochu. Formou-se um governo blanquista-jacobino, isto é, um governo em que participavam Blanqui e seu partidário Florens, destacado lutador de 1848 — representantes do proletariado e do artesanato revolucionários. — ao lado de antigos

oportunistas como Louis Blanc e Ledru Rollin, que exprimiam a inconseqüência dos setores radicais da burguesia. Falto de capacidade organizativa, êsse governo foi em seguida pôsto abaixo pelos batalhões burgueses da guarda nacional, que prenderam seus membros e sufocaram a rebelião. Blanqui foi um dos condenados à morte, mas tinha conseguido fugir. Em substituição a Trochu foi nomeado outro general reacionário, Vinoy, que desencadeou violenta perseguição contra o que êle chamava «os anarquistas».

Essa perseguição, a fome e miséria terríveis das massas operárias, as epidemias, os rumores crescentes de capitulação ante a Prússia, criaram rapidamente o clima de nova sublevação. Foi organizada e dirigida pelo herói Blanqui e outros chefes revolucionários que, como êle, supunham possível derrubar o governo e o regime através da simples conspiração militar. A 22 de janeiro de 1871, de surpresa batalhões de trabalhadores da guarda nacional cercaram a sede da Prefeitura de Paris. Antes que a população atônita, pudesse movimentar-se e apolá-los, foram destruídos pelos canhões do governo que, em seguida, fechou todos os clubes revolucionários da capital,



EM SÃO PAULO, NOS DIAS 7, 8 e 9 DE AGOSTO

Mil Delegados Debateram As Causas Da Carestia Da Vida

soluções finais, que são as seguintes:

INFLAÇÃO

1) — Recomendar ao governo federal a criação de um sistema bancário que atenda às peculiaridades geo-econômicas do país, possibilitando o estabelecimento de normas condizentes com as necessidades específicas a todos os setores da produção e sua circulação. E que esse sistema seja constituído de bancos especializados nos diversos setores das atividades econômicas, quais sejam: rural, comercial e industrial. 2) — Adoção pelo governo federal de uma política racional na execução orçamentária a fim de evitar o crescimento progressivo dos déficits.

3) — Que o governo da União dirija os seus investimentos com prioridade para fins reprodutivos, evitando os gastos suntuários.

4) — Recomendar aos governos federal, estaduais e municipais, a racionalização dos serviços públicos, a fim de que as respectivas verbas orçamentárias sejam adequadamente utilizadas, impedindo-se a sua dilapidação, bem como a proliferação do "empreguismo", que tem contribuído para o desprestígio do poder público e a péssima prestação dos serviços. Com isso não se agravarão os déficits, tornando-se desnecessários os aumentos dos impostos e taxas, que têm contribuído decisivamente para o agravamento da carestia.

Compareceram à Convenção, entre outras entidades, a FARESP, Associação Comercial, Bolsa de Mercadorias, Bolsa de Cereais, Conselho das Classes Produtoras, Sociedade Paulista de Agronomia, COAP, FESAB, ULTAB, parlamentares, representantes de entidades sindicais, populares, femininas, estudantis e do clero — Resoluções aprovadas

PRODUÇÃO E SERVIÇOS

1) — Recomendar ao governo estadual o incentivo à criação de cooperativas mistas, em condições de facilitar a participação de maior número de associados. 2) — Solicitar aos poderes competentes medidas imediatas no sentido de melhor utilização dos seus armazéns e levantamento de estoques de mercadorias, que possam ficar sob o efetivo controle do poder público. 3) — Considerar prejudicial e inaceitável o atual sistema de controle de preços. 4) — Que sejam destinados maiores investimentos no setor de transportes ferroviários, de molde a permitir a aquisição de sinalização automática, construção imediata de leito duplo naquelas ferrovias que atendam as zonas de maior produção, e eletrificação de todo o sistema ferroviário estadual. 5) — Encampação das empresas ferroviárias particulares que servem o Estado de São Paulo, a fim de alcançar a uniformização do nosso sistema ferroviário. 6) — Adoção do monopólio estatal da distribuição do petróleo e derivados no país, a fim de contribuir para o barateamento dos transportes. 7) — Restauração do monopólio estatal da borracha através do Banco de Crédito da Amazônia, bem como a redução do preço do dólar para a importação da

borracha. 8) — Pela exclusividade da Petrobrás na instalação da indústria de borracha sintética no país. 9) — Dar inteiro apoio às empresas genuinamente nacionais que exploram o transporte aeroviário e reconhecer que não consulta aos interesses nacionais a encampação de empresas estrangeiras de navegação aérea. 10) — Incentivo à indústria de construção naval de capitais genuinamente nacionais.

COMÉRCIO EXTERIOR

1) — Imediato estabelecimento de relações comerciais, sem discriminação, com todos os países do mundo. 2) — Revisão de todos os convênios e tratados comerciais lesivos aos interesses do Brasil.

POLÍTICA DE INVESTIMENTOS

1) — Adoção de medidas no sentido de elevar a produtividade dos setores que já fornecem ou que poderão vir a fornecer divisas à Nação. 2) — Incentivo à produção, em bases absolutamente nacionais, de produtos que atualmente consomem divisas, tais como petróleo e derivados, trigo, papel de imprensa, fertilizantes, etc. 3) — Sustar, por todas as formas, os processos de evasão de divisas, representadas pela aplicação de capital estrangeiro no Brasil, revogação

da instrução n. 113 da SUMOC, e encampação das empresas alienígenas que prestam serviços de utilidade pública. 4) — Na distribuição e destinação da receita cambial do país, bem como nos financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Banco do Brasil, dar absoluta prioridade à aquisição de máquinas para o aparelhamento da indústria nacional de base e para modernização da agricultura. 5) — Pleitear o concurso de capital estrangeiro no processo de desenvolvimento independente da economia nacional, exclusivamente dentro das seguintes bases: a) — Empréstimos de governo a governo, com absoluta liberdade de aquisição de equipamentos em qualquer mercado do mundo; b) — Investimentos de capitais estrangeiros que queiram integrar-se inteiramente na economia nacional.

POLÍTICA TRIBUTÁRIA

1) — Reexame do sistema de aplicação do imposto de consumo, com diminuição de sua incidência nos artigos populares e elevação progressiva para os artigos de luxo e bebidas importadas. 2) — Supressão do imposto de renda sobre salários e vencimentos, e reajustamento progressivo da incidência sobre as rendas de pessoas físicas ou jurídicas que

apresentem elevados rendimentos. 3) — Reexame da lei que majorou o imposto de vendas e consignações, em virtude de a arrecadação ultrapassar o montante previsto na dotação orçamentária, efetuando-se a diminuição da respectiva taxa. 4) — Limitar a aplicação do imposto de vendas e consignações sobre os gêneros de primeira necessidade apenas a uma única incidência, aplicando-se o mesmo critério aos produtos farmacêuticos. 5) — Aumento progressivo do imposto territorial rural aplicado às grandes glebas não cultivadas. 6) — Isenção do imposto territorial rural aos proprietários de uma única gleba até 50 alqueires cultivadas. 7) — Supressão progressiva dos impostos indiretos substituindo-os pelos impostos diretos, conforme preceitua o artigo 202 da Constituição Federal, que reza o seguinte: "Os tributos terão caráter pessoal, sempre que isso for possível, e serão graduados conforme a capacidade econômica do contribuinte". 8) — Supressão de todos os impostos aplicados aos produtos vendidos nas feiras-livres.

OUTROS FATORES DE ENCARECIMENTO

1) — Taxar progressivamente a grande propriedade rural não produtiva e não utilizada para fins agrícolas, a fim de forçar a extensão da área de cultivo no Estado. 2) — Concessão de crédito fácil, a juros baixos e prazo justo, aos lavradores proprietários e não proprietários, por in-

termínio dos bancos oficiais. 3) — Venda pelo Estado aos produtores agrícolas, a preço de custo, de fertilizantes, adubos, inseticidas e sementes. 4) — Concessão pelo Estado a todos os lavradores, indistintamente, de assistência técnico-agrônoma; proteção contra a ação dos atravessadores, incrementando a rede de silos e assegurando antes do plantio preços mínimos justos e compensadores ao trabalho agrícola, já autorizados pela lei federal 1.506, de 19-12-51. 5) — Compra e venda por atacado pelo Estado dos principais gêneros alimentícios, intervindo contra os abusos do poder econômico, conforme preceitua a constituição estadual. 6) — Normalização da situação dos posseiros promovendo imediata discriminatória de todas as terras devolutas e entrega daqueles dos títulos de propriedade. 7) — Assegurar facilidades cambiais para importação de maquinário agrícola, de procedência estrangeira.

JORNADA CONTRA A CARESTIA

Foi aprovada pelos convencionais a realização de uma Jornada Contra a Carestia, no dia 24 de setembro vindouro, quando todas as entidades sindicais, estudantis, populares, de industriais e comerciantes, realizarão comícios, passeatas, conferências, abaixo-assinados de protesto contra a alta do custo de vida e denúncias das causas da carestia, apresentadas durante a Convenção.

Deliberou-se, ainda, que todas as teses e propostas, relatórios e moções aprovados sejam impressos em livro e distribuídos às entidades participantes ou não do conclave, bem como impressão em forma de folheto da proposta sobre o plano de ação e distribuição do mesmo ao povo. Para dar continuidade aos trabalhos e dirigir até à próxima Convenção, a luta em prol da aplicação das medidas aprovadas, foi eleita uma Comissão Executiva Permanente.

S. PAULO — (Do correspondente) — A 1.ª Convenção Estadual Contra a Carestia realizou-se nos dias 7, 8 e 9 do corrente, no Cine Teatro Paramount. Participaram das sessões plenárias perto de mil convencionais. Foram credenciadas 6 federações de trabalhadores, 80 entidades sindicais, 46 associações de bairros, clubes esportivos e entidades congêneres, 11 entidades estudantis, 3 associações femininas, 3 associações de lavradores, 10 Casas Legislativas, a FARESP, a FESAB, a Federação das Mulheres no Estado de São Paulo e 10 outras entidades, a saber: Conselho das Classes Produtoras, Bolsa de Mercadorias, Bolsa de Cereais, Associação Comercial de São Paulo, Sindicato do Comércio Atacadista de Gêneros Alimentícios de São Paulo, Igreja Católica Apostólica Brasileira, Associação Cívica das Liberdades Públicas do Direito dos Cidadãos, Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos, Sociedade Paulista de Agronomia, COAP, diretórios metropolitanos do PTB e PRT, A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo pôs à disposição da convenção a assessoria técnica da entidade. Autoridades, personalidades e técnicos estiveram presentes no decorrer dos trabalhos, participando das comissões incumbidas de apresentar os relatórios sobre os pontos constantes do temário.

O conclave foi presidido pelo padre Afonso José Birk, tendo sido eleito presidente de honra o sr. Jôfre Corrêa Neto, líder dos trabalhadores rurais, que foi bealado a mando de um latifundiário de Santa Fé do Sul, quando se dirigia a São Paulo a fim de participar da Convenção.

RESOLUÇÕES

Após lidos e debatidos os relatórios apresentados pelas comissões de trabalho, os relatores de cada comissão redigiram as re-



O auditorio do Colégio Estadual de Alagoas foi pequeno para conter a numerosa assistência interessada em ouvir a palavra de Luiz Carlos Prestes

Acontecimento Político a Visita De Prestes a Maceió

MACEIO' (Do Correspondente) — A breve visita de Luiz Carlos Prestes a esta capital foi um marcante acontecimento político e popular. Regressando de Recife, onde participou da campanha eleitoral, o líder comunista deteve-se em Maceió durante um dia, oportunidade em que cumpriu intenso programa de visitas a personalidades e atos públicos.

COM O GOVERNADOR MUNIZ FALCÃO

O primeiro ponto do programa da estada de Prestes aqui consistiu numa visita ao governador Muniz Falcão, que o recebeu no Palácio Marechal Floriano, mantendo com o ex-senador carioca palestra de mais de uma hora. Além de temas políticos da atualidade, tratados no encontro, foram também objeto da atenção dos dois homens públicos os problemas mais candentes do Estado. O governador Muniz Falcão fez uma exposição sobre as metas administrativas do seu governo.

O encontro entre Prestes e o governador Muniz Falcão

teve também um outro significado político: reparou o gesto de intolerância do Interventor Guedes de Miranda que, em 1947, sendo Prestes então senador da República, recusou-se a receber o líder comunista.

NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Luiz Carlos Prestes foi também oficialmente recebido na Assembleia Legislativa do Estado. Introduzido no recinto por dois deputados, foi saudado pelo deputado Pedro Timóteo, que falou da sua satisfação e da dos demais membros da Casa pela oportunidade de encontrar-se com Prestes. Ressaltou o deputado Timóteo a sinceridade da atuação política de Prestes, de quem, disse, pode-se divergir,

mas não de servir ao povo e ao Brasil.

Convidado a ocupar a tribuna daquela casa legislativa, Luiz Carlos Prestes proferiu um discurso de agradecimento. Expressou, de início, seu reconhecimento à Assembleia de Alagoas por se ter conatulado com o juiz Monjardim Filho, quando do ato do magistrado carioca revogando a ordem de prisão preventiva que pesava há anos sobre ele e vários cidadãos. Passando a falar sobre problemas políticos atuais, Prestes encareceu, notadamente a necessidade de uma ampla unidade das forças democráticas e nacionalistas para levar o governo a realizar aquelas medidas que correspondam aos interesses de um desenvolvimento independente e democrático do

OUTROS PONTOS DO PROGRAMA

Antes de ser homenageado com um almoço, num dos hotéis locais, Prestes esteve em visita ao prefeito da Capital, sr. Abelardo Pontes Lima, que o recebeu em seu gabinete, cercado por funcionários da municipalidade, que desejavam conhecer pessoalmente o líder comunista.

Posteriormente, foi homenageado na Câmara Municipal e saudado por vereadores presentes.

Encerrando o intenso programa organizado para a sua visita, Prestes realizou, à noite, duas palestras, uma na Casa do Trabalhador, onde foi recebido e saudado pelo líder sindical José Luiz Ferreira dos Santos, delegado da CNTI em Alagoas. Nessa oportunidade, Prestes discorreu sobre várias questões, particularmente aquelas mais de perto relacionadas com os interesses dos trabalhadores.

Saindo daí, em passante, juntamente com considerável massa popular, Prestes dirigiu-se para o auditório do Colégio Estadual de Alagoas, que se encontrava literalmente cheio. Na reunião, que encerrou a visita de Prestes a Maceió, o líder comunista falou sobre problemas políticos gerais, focalizando também o problema da sucessão presidencial. Prestes caracterizou como entreguista a candidatura Jânio Quadros e sobre o marechal Lott afirmou ser um nacionalista e um patriota, embora os comunistas façam restrições e critiquem várias de suas posições.



Durante mais de uma hora, Luiz Carlos Prestes entrevistou-se com o governador Muniz Falcão, debatendo uma série de problemas da atualidade



Durante a visita de Prestes ao prefeito de Maceió, sr. Abelardo Pontes de Lima, o líder comunista palestrou com a autoridade sobre os problemas da capital alagoana



Recebido na Câmara Municipal, onde foi convidado a sentar-se à mesa, Prestes é saudado pelo vereador Renalvo Siqueira



Da tribuna da Assembleia Legislativa, onde foi oficialmente recebido, Prestes, entre outras coisas, agradeceu à Casa o interesse manifestado pela revogação da ordem de prisão preventiva, pelo juiz Monjardim Filho

SÔBRE SALÁRIO E CARESTIA O MINISTRO PAES DE ALMEIDA FALOU COMO PATRÃO



Ministro Sebastião Paes de Almeida

Quando o sr. Sebastião Paes de Almeida responsabilizou o aumento do salário-mínimo pela brusca elevação do custo de vida nos últimos meses, falou antes como patrão, como industrial de vidros, do que como ministro da Fazenda. Efetivamente, como autoridade máxima da política econômico-financeira do governo, é absolutamente indesculpável, porque falia do princípio ao fim, a afirmação feita pelo ministro em sua última entrevista coletiva à imprensa.

CONFISSÃO DO MINISTRO

Diz o sr. Paes de Almeida que os preços começaram a ser aumentados antes, durante e depois da decretação do novo salário-mínimo. Ora, nestas palavras mesmo o ministro está a confessar de

que a carestia de vida deve-se em apreciável escala à sede de lucros por parte das classes conservadoras — que são proprietárias da produção e fixam-lhe os preços. E a aceitar a alegação do ministro sobre a "influência psicológica" do novo salário-mínimo sobre os preços, por que não admitir como válido o argumento oposto, isto é, o de que os preços baixariam se fossem tomadas medidas coercitivas pelas autoridades?

O QUE DIZ O IBGE

Acreditamos que ao industrial de vidros não seja agradável a divulgação da verdadeira situação dos salários pagos aos operários brasileiros, tão ínfima é a

parte que eles representam no valor da produção. Valendo-nos de uma fonte oficial, como é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que está longe de poder ser acobimado de parcialidade em favor dos operários, em seus estudos e inquéritos, vejamos mais de perto a questão.

Em estudo distribuído recentemente para a imprensa, intitulado "Salários e produção industrial", revela a Diretoria de Documentação e Divulgação do IBGE cifras bem interessantes. Preliminarmente, convém assinalar que o mencionado estudo é baseado nos Inquéritos Econômicos do IBGE, realizados em cerca de 5.700 estabelecimentos industriais, localizados numa centena de municí-

DOCUMENTOS OFICIAIS MOSTRAM QUE OS SALÁRIOS SE ATRASAM EM RELAÇÃO AOS PREÇOS

plos, "representando, possivelmente, entre dois terços e três quartos do valor da produção industrial do país".

SALÁRIO-HORA E PRODUTO-HORA

O estudo do IBGE parte de uma análise da evolução do salário-hora (isto é, o salário pago por uma hora de trabalho) e do valor da produção-hora (isto é, o valor da produção de um operário durante uma hora) nos últimos quatro anos. Assim, os inquéritos procedidos nos mencionados estabelecimentos revelaram que de 1955 a 1958, o valor do produto-hora passou de Cr\$ 124,71 para Cr\$ 254,98, isto é, sofreu um incremento de 104,5 por cento.

Enquanto isto, no mesmo intervalo de tempo, a quantia paga ao operário por uma hora de trabalho elevou-se apenas de Cr\$ 14,82 para Cr\$ 25,89, com um aumento de 74,7 por cento.

Se esta é a média em todas as indústrias, a disparidade entre o salário-hora e o produto-hora cresce mais ainda no setor industrial de

bens duráveis (indústria petada ou de meios de produção). Aqui, os aumentos do produto-hora e do salário-hora foram, no mesmo período de tempo, respectivamente de 133,5 por cento e 70,7 por cento.

A PARTE DOS SALÁRIOS

Qual a parte dos salários no valor da produção industrial? Apresenta a tendência para aumento ou para diminuição? Estas perguntas, que oferecem íngreme interesse, são também respondidas pelos Inquéritos Econômicos do IBGE. Assim, em 1958, por exemplo, para um valor da produção da ordem de 487.644 milhões de cruzeiros (estes números referem-se aos estabelecimentos mencionados, que representam 80 por cento da

totalidade das indústrias existentes no país), o total de salários pagos foi apenas de 49.513 milhões de cruzeiros. Proporcionalmente, os salários representaram apenas 10,2 por cento do valor da produção, considerado este aos preços de fábrica. Se se tomarem os preços pagos pelo consumidor, a percentagem do salário sobre o preço da produção será ainda menor.

Quanto à tendência apresentada pelos salários em relação ao valor da produção, está longe de ser favorável aos trabalhadores: ou se mantêm estacionária, ou varia lentamente para baixo, isto é, torna-se menor a parte do salário no valor da produção.

SALÁRIO E MISTIFICAÇÃO

E evidente que se os salários industriais no Brasil representam apenas 10 por cento do valor da produção, mesmo quando eles são consideravelmente aumentados é mínima a repercussão desse aumento no valor — e, portanto, nos preços — da produção. Tomemos um exemplo, para melhor compreensão. Suponhamos que um objeto custe mil cruzeiros,

preço da fábrica, e que nesta fábrica a parte do salário sobre o valor da produção seja 10 por cento. Teremos, então, que, no valor do objeto, o componente salário entra com 100 cruzeiros. Imaginemos, ainda, que os operários dessa fábrica tenham conquistado um aumento de 50 por cento, com o que a parte do salário no preço do objeto passará para 150 cruzeiros. O industrial — que poderia, digamos, reduzir o seu lucro, mantendo o preço do objeto — decide, porém, transferir ao comprador do seu produto tal diferença. E passa a vender o objeto por 1.050 cruzeiros. Isto é perfeitamente possível porque admitimos que não subam os preços da matéria-prima, combustível, e outros componentes do valor.

Nesse caso, o aumento de 50 por cento nos salários se refletiu num aumento de apenas 5 por cento (50 cruzeiros em 1.000) no preço do objeto.

O mesmo raciocínio pode ser generalizado, pois se em algumas indústrias a parte do salário é maior, em outras é menor, uma vez que a média é de 10,2 por cento.

Estes são fatos, que nenhuma mistificação pode esconder.

VOLTA REDONDA

140 milhões deve o Estado ao Município

VOLTA REDONDA (Do Correspondente) — A situação que a Prefeitura Municipal vem atravessando é das mais difíceis. As dificuldades de natureza financeira são tão grandes que o funcionalismo está com seus pagamentos atrasados. Além disso, são entravadas diversas iniciativas em benefício da população, todas necessárias e algumas delas prementes.

Os vereadores do município, levando em conta essa situação e considerando que o governo estadual deve à Prefeitura cento e quarenta milhões de cruzeiros, de cotas ainda não recolhidas, aprovaram na Câmara uma indicação no sentido de ser solicitado ao governador Roberto Silveira o pagamento, por conta das referidas cotas, da quantia de dez milhões de cruzeiros a fim de que sejam atendidas despesas imediatas, entre elas o pagamento dos funcionários.

REATAMENTO
Congratulando-se com o Presidente da República pelo cumprimento de negociações com o Fundo Monetário Internacional, a Câmara aprovou o envio de um ofício ao sr. Juscelino Kublitschek, no qual se sa-

CONFERÊNCIA SOBRE O FMI



A 8 de agosto, o jornalista José Frejat, nosso confrade de "O Semanário", realizou uma conferência sobre o Fundo Monetário Internacional no subúrbio de Vicente de Carvalho. Mostrou o conferencista o absurdo e a inadmissibilidade das imposições do FMI ao Brasil no caso do pretendido empréstimo de 300 milhões de dólares. O FMI, como se sabe, pretendia a reforma cambial, a liquidação do monopólio estatal do petróleo e outras concessões de nossa parte aos banqueiros e monopolistas dos Estados Unidos. A conferência de José Frejat foi promovida por diversas organizações sindicais e outras, além de homens da indústria e do comércio. Na foto, aspectos da conferência.

lenta que o reatamento de relações com a União Soviética é medida básica para a solução dos problemas nacionais e possibilita libertar nossa Pátria da dependência dos trustes estrangeiros.

QUE REPRESENTA

O CAPITALISMO DE ESTADO NOS ESTADOS UNIDOS?

Sobre este assunto o conhecido economista marxista norte-americano Victor Perlo escreve momentâneo artigo no n.º 4 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, que já se acha à venda nas bancas e livrarias.

Além destes, muitos outros artigos e notas de interesse teórico e político aparecem no último número de PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, tais como: «O desenvolvimento da democracia interna no PCUS», de V. Churaiev; «O militarismo alemão e as possibilidades de refredão», de Otto Baumann; «As concepções filosóficas de György Lukács», de B. Fogarasi; «A juventude francesa e a tragédia argelina», de P. Gillet.

Para seu esclarecimento acerca dos mais palpitantes problemas de nossa época, leia sempre a revista teórica e de informação internacional.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

Redação e administração: RUA DA ASSEMBLEIA, 34 - SALA 304

VIENA CANTOU...

(Conclusão da 12ª página)

Viena, com a presença de altas autoridades do país e mais de 90 mil pessoas, podia-se prever a beleza e o entusiasmo que iriam tomar conta da cidade durante dez dias. De fato, alguns dias mais tarde realizou-se o baile de confraternização em que conjuntos de vários países se revolvavam para que jovens do mundo inteiro, independentemente da cor, dos traços e da língua, manifestassem toda a sua alegria nessa festa universal.

Mas não é só para se divertir que se reúnem os jovens no Festival. E, assim, milhares de jovens dirigiram-se, na manhã do dia 1.º de agosto, ao campo de Mathausen, onde prestaram comovido homenagem aos que não voltaram, aos que tombaram vítimas do fascismo. Abaixaram-se os estandartes, fez-se respeitoso silêncio e quando os jovens deixaram o campo, podia-se ler em todos os rostos «isto não se repetirá nunca mais!»

Este mesmo sentimento era comunicado à enorme multidão de vienenses e turistas que assistiram ao grandioso desfile do Prater até a Heldenplatz, onde se realizaria o grandioso «show» com a participação de quase todas as delegações. No centro da praça, o palco com a enorme tela oferecida por Pablo Picasso. A passagem das delegações, o povo aplaudia e gritava amistosamente Frieden! (Paz) e Freundschaft! (Amizade).

UM CASO À PARTE

Muito ainda poderia ser dito sobre o VII Festival. Entretanto, infelizmente, é preciso dizer alguma coisa sobre a enorme campanha realizada contra ele pela reação internacional. Pela primeira vez realizava-se num país capitalista o Festival Mundial da Juventude. Durante mais de um ano os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha Ocidental pressionaram e governo austríaco procurando impedir que fosse dado mais esse passo no sentido da colaboração pacífica entre os povos. Maior, porém, foi o ansio de paz do povo austríaco que não permitiu que seu governo cedesse ante as pressões externas e internas.

Não se contentaram com isso os belicistas. O governo de Adenauer mobilizou mercenários e entregou-lhes 50.000 marcos (cerca de dois milhões de cruzeiros) para que sabotassem o Festival. Os Estados Unidos enviaram, sua contri-

buição. O sr. Molden, genro de Allen Dulles, irmão do antigo secretário de Estado americano e chefe do serviço de espionagem ianque, chegou a Viena para editar um jornal em 7 línguas para combater o Festival. O próprio «Time» confessou em seu último número, que, infiltrados na delegação dos E.E.U.U. havia «um grupo de anticomunistas profissionalmente treinados», para promover desordens e fazer provocações. Centenas de milhares de volantes foram distribuídos entre a população clamando-a a não prestigiar o Festival.

Nada disso, entretanto, adiantou. A grande maioria dos trzentos mil vienenses acompanhou e apoiou entusiasticamente as realizações do Festival. Os ônibus fretados para mostrar a «Cortina de Ferro» tiveram tão poucas freqüentes que a viagem foi cancelada. Os aviões que portavam cartazes não mais subiram ao céu, diante da indiferença geral. E o Danúbio, como que a rir de tudo isto, corria mais depressa, enegrossado pelas pesadas chuvas que não conseguiram evitar que Viena cantasse as canções de todos os povos.



RAINHA DA VILA DA PENHA —

Realizou-se domingo, dia 9 a coroação da Rainha e das Princesas do Centro Pró-Melhoramentos da Vila da Penha, senhoritas Nilmar Silva, Erzelina Santa e Maria Vasconcelos (foto), eleitas respectivamente Rainha e Princesas pelo quadro social daquela entidade, cujo presidente é o professor Mário Guedes. Na oportunidade foi empossada a Diretoria da Departamento Feminino do Centro, tendo o sr. Valério Konler, a seguir, pronunciado uma conferência sobre Anita Garibaldi. O Presidente da Federação dos Amigos dos Bairros do Estado de São Paulo, especialmente convidado, esteve presente às festividades.

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXEDI — O Poeta Vaquêro

Seu doutô, HORAÇO LAFE,
L'iscrevo pruvia disto:
O povo vai lê a carta
Do vaquêro pru Ministro.

Nosso café foi queimado!
Faz vregonha se dizê.
Todo o mundo qué comprá
Mas, num pudemo vendê

Ministo: faz muntos anos
Qui vivemos na desgraça
Isperando u'a miora,
Porém, a coisa piora
Cada dia qui se passa.

Leia a cartinha, doutô,
Qui doutô Varga iscreveu.
Um vaquêro sabe disto
E vassuncê qué Ministro
Quantas vezes já num leu!?

Vamos comprá e vendê
Ao mundo intêro, doutô,
Nós temo de que vivê,
Num precisamos favô.
Ferecê a quem dé mais
O qui nós tem de valô.

Foi-se o tempo da mintira,
Pôs ninguém mais acradita.
A misera vêi dos campo
Para a sala de visita:
Quanta favela nojenta
Nessa cidade bunita!

Há quase quinhentos ano
Qu'essa terra abenquada
Ispera de boca aberta
Pela simente adorada.
Se vive de pescaria...
Quando dez comem num dia,
Noventa não comem nada!

O fio do sapatêro
Prendeu a lê os jorná.
O pai de mão calejada
Manda lê pr'ê iscutá.
Vê im tódas as nutiça:
Farta de lei, de justiça,
Pra fâmia revoltá.

E se pensá, seu doutô,
Qui já teve um «tubarão»
Decretando pras vinda
Limitá a produçã?

Vassuncê me da rezão
Se fô um bom brasileiro,
Disurpe os êrro, doutô,
De seu puêta vaquêro.

REUNIÃO DE CÚPULA

50 DEPUTADOS FEDERAIS BRASILEIROS SE DIRIGEM AOS MINISTROS DOS E. U. A., INGLATERRA, FRANÇA E URSS

Deputados federais de diversos partidos enviaram aos Ministros do Exterior dos Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética em Genebra o seguinte telegrama:

«Senhores Ministros. O Partido Trabalhista Britânico (Labour Party) e o Congresso das Organizações Sindicais da Inglaterra (Trade Union Congress), em declaração conjunta de 16 de junho passado, que foi também apoiada pelo Congresso da Internacional Socialista, reunido em Hamburgo de 14 a 18 de julho corrente, afirmam o seguinte:

«Registramos nosso ponto de vista, segundo o qual deve realizar-se uma conferência do mais alto nível, apesar da falta de progresso na Conferência de Ministros das Relações Exteriores. Os povos do mundo inteiro sofreriam uma decepção universal se as tentativas para a melhoria das relações entre o Oriente e o Ocidente fossem abandonadas antes que se haja realizado essa conferência de cúpula.

Acreditamos que assim também pensa o povo brasileiro; e, por isso, formulamos a Vossa Excelência o apelo no sentido de que tudo seja feito para que se realize a Conferência de alto nível, com um esforço a mais para a preservação da paz que interessa a todos os povos.

O telegrama é assinado pelos deputados Domingo Velasco — Vice-Presidente do

Partido Socialista Brasileiro; Sérgio Magalhães — 1.º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados; Nestor Jost — 2.º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados; Abelardo Jurema — líder da maioria; Saturnino Braga — Presidente do Grupo Interparlamentar; Bento Gonçalves — Presidente da Frente Parlamentar Nacionalista; José de Castro — Prêmio Stalin da Paz; Osvaldo Lima Filho — líder do Bloco Parlamentar (PR-PTB) e líder do PTB; Aurélio Viana — líder do PSB; Campos Vergal — PSP; Temperani Pereira — PSB; Geraldo de Carvalho — PDC; Fernando Sant'Ana — PTB; Almino Afonso — PRT; Ramon de Oliveira — PTB; Lício Hauer — PTB; Nelson Carneiro — PSD; Nestor Duarte — PL; Salvador Lossaco — PTB; Armando Stormi — PSD; Benedito Vaz — PSD; Henrique Turner — PSB; Nelson Omega — PTB; Gurgel do Amaral — PSP; Saldanha Derzi — UDN; Heli Ribeiro Gomes — PTB; Aarão Steinbrück — PTB; Valdir Simões — PTB; Eloy Dutra — PTB; Artur Virgílio — PSD; A. Wanderley Júnior — PSD; Hamilton Nogueira — UDN; Pereira Pinto — UDN; Silvio Braga — PSP; Crocely de Oliveira — PTB; Seixas Dória — UDN; Djalma Maranhão — PTN; Anísio Rocha — PSD; Coelho de Souza — PL; Unirio Machado — PSD; Castro Costa — PSD; Breno da Silveira — PSB; Abrahão Moreira — PSP; Coutinho Cavalcanti — PTB.



DESFILE DE ABERTURA

A inauguração do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e a Amizade, em Viena, foi um espetáculo impressionante, como vemos nesta foto. Em primeiro plano, vê-se parte da delegação do Brasil, que compreendia também artistas. No primeiro plano, Jora Ney, vestida de baiana.

VIENA — (Correspondência especial para NOVOS RUMOS) — Encerrou-se no dia 4 o VII Festival Mundial da Juventude, nos jardins do Prater, em Viena. Durante dez dias cerca de 18 mil jovens de 112 países, além de quase toda a população da capital austríaca, tomaram parte em centenas de reuniões artísticas, esportivas, científicas e sociais, numa verdadeira maratona da amizade e da confraternização.

Contando com o apoio de personalidades tão expressivas como o vice-presidente da Índia, dr. Radhakrishna, o «premier» do Ceilão, Bandanarajke, o rei Mahendra do Nepal, o cientista e prêmio Nobel da Paz, dr. Albert Schweitzer, reunindo dezenas de cientistas, artistas e escritores, mais de 100 parlamentares de todos os países do mundo, inclusive do Brasil, além da participação da UNESCO, órgão cultural da ONU, o VII Festival da Juventude representa mais um passo no sentido da coexistência pacífica e da colaboração amistosa entre os povos.

O QUE FOI O FESTIVAL

Chegando a Viena, qualquer um que participa do Festival pela primeira vez, acredita que poderá ver tudo o que aqui se mostra. Entretanto, isto é ainda mais difícil de que ir a todos os bailes de Carnaval no Rio de Janeiro. Para se ter uma idéia desse Carnaval fantástico, basta que

Viena Cantou As Canções De Todos Os Povos

se diga que as mais de cem delegações apresentaram uma média de pelo menos 5 números cada, o que significa que alguém que quisesse assistir a todos os espetáculos teria que ver mais de 50 por dia. Isto sem falar nas competições esportivas, que reuniram cerca de mil atletas de todas as categorias; nas dezenas de encontros entre duas ou mais delegações; nos reuniões científicas e artísticas e nos seminários e debates entre jovens das mesmas carreiras ou profissões, desde professores e cineastas até operários e camponeses.

Citaremos, como exemplos, as reuniões com cientistas, nas quais os participantes do Festival puderam ouvir e interpelar os cientistas soviéticos, Blagonravov, um dos pais dos sputniks, Oparin, conhecido biólogo, e o famoso físico inglês John Bernal. Bastante proveitosas foram também as reuniões entre jovens mineiros e metalúrgicos de todo o mundo, on-

de foram debatidas as condições de vida e de trabalho e os problemas que os preocupam, quer nos países capitalistas, quer nos socialistas.

DA NATAÇÃO AO "BALLET"

Nos esportes poderíamos dar uma longa lista de realizações, mas indicaremos apenas as competições de nado, das quais participou uma centena de jovens nadadores de 11 países, em provas disputadíssimas. Não foi menos brilhante o lado artístico. O concurso de piano, por exemplo, contou com valores tão elevados que o júri internacional, do qual fazia parte o maestro José Siqueira, do Rio, teve grande dificuldade em selecionar os finalistas, dividindo o primeiro prêmio entre o chinês Ying Cheng-Tsung e o soviético A. Nacedkin.

Nem mesmo a moda esteve ausente. O desfile de modas organizado pela de-

legação francesa teve tanto sucesso que foi necessário transferi-lo para uma sala mais ampla e, assim mesmo, todos os lugares existentes foram poucos. Outro ponto alto do Festival foi a participação de dezenas de conjuntos de dança. Entre eles salientaram-se principalmente os grupos da Ópera de Pequim, que foi visto por cerca de cem mil pessoas, e de Leningrado, e o famoso conjunto de Roland Petit, Les Ballets de Paris.

FESTA DA PAZ E DA AMIZADE

Impressionantes por sua beleza e imponência foram as grandes reuniões conjuntas: a abertura, o grande homenagem aos mortos da guerra contra o nazismo, o desfile, e o «show» monumental, e o baile de que participaram mais de vinte mil pessoas. Já na abertura do Festival, realizada no dia 26 no Estádio de

(Concluí na 11.ª página)



FESTIVAL DA JUVENTUDE

Cossacos do Dan, representantes da África, jovens do Brasil — rapazes e moças de todos os Continentes — entraram em contacto no Festival da Juventude, em Viena.

TODAS AS RAÇAS

O Festival da Juventude e dos Estudantes foi uma ampla e emocionante confraternização de pessoas de todas as cores, sem quaisquer discriminações. Não terá sido este um dos motivos da desesperada propaganda contra ele desencadeada pelas agências telegráficas norte-americanas e pela imprensa dos Estados Unidos?

A JOVEM MOSCOVITA

M. D. Stepánova, uma jovem professora de Moscou, durante o Festival da Juventude e dos Estudantes, em Viena, distribui lembranças a jovens professoras da África Negra e do Sudão. (Foto TASS)

